

cadernos da
FEI

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 17 – Janeiro/2015





CADERNOS DA FEI – EDIÇÃO Nº 17 - JANEIRO/2015

Publicação da Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros, mantenedora do Centro Universitário da FEI e dos institutos a ele associados: IPEI e IECAT.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux, S.J.

Editado no Centro Universitário da FEI, Instituição filiada à



Associação Brasileira das Universidades Comunitárias

EXPEDIENTE

Revisão

Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Arte final e diagramação

Setor de Comunicação e Marketing da FEI
Silvana V. Mendes Arruda

Fotos

Arquivo FEI, Ilton Barbosa, Istockphoto e Shutterstock

Endereço para correspondência

Setor de Comunicação e Marketing
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901
Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: redacao@fei.edu.br

www.fei.edu.br



■ O Sínodo, o
Papa e a Família

Pe. César A. dos
Santos, S.J.

29

ÍNDICE

77

■ Literatura
e formação
superior
Profa. Giselle L.
Agazzi



VOZ DO PRESIDENTE

Crescer na sabedoria	06
Lançar o presente para o futuro	09
Como barro nas mãos do oleiro	12
Eficiência na comunicação.....	16

BICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO

Santo Inácio de Loyola: estudar, discernir	32
--	----

COMPANHIA DE JESUS

Novas fronteiras da educação à luz do plano apostólico ..	41
Nova estrutura da Companhia no Brasil	46

PALAVRAS DO REITOR

Curriculum universitário	19
As perspectivas da Educação Superior Católica	22
Redes de Comunicação.....	24

FÉ E CULTURA

A missão universitária nasce do coração da igreja	50
O que Anchieta representa para a cultura brasileira	60

IGREJA

■ O Sínodo, o Papa e a Família	29
--------------------------------------	----

PROJETOS E EXPERIÊNCIAS

No contexto da sala de aula	68
Literatura e formação superior.....	77



Capela Santo Inácio de Loyola
campus São Bernardo do Campo

Apresentando...

Comemoramos, neste ano, os 25 anos da “Ex corde Ecclesiae”, Constituição Apostólica de João Paulo 2º que consagrou a missão da Universidade Católica no ministério da Igreja.

Por ocasião da XIII Assembleia Geral da Federação das Universidades Católicas – FIUC, sediada no campus de São Bernardo do Campo, em 2012, a FEI foi honrada com a medalha que traz o título desse documento tão importante para as Instituições Católicas de Ensino Superior.

A condecoração revela o apreço com que são reconhecidas a presença e contribuição da FEI para a formação profissional, para o campo do estudo e da pesquisa.

Mais uma vez, a edição recolhe registros significativos que marcaram o ano de 2014.

A rotina acadêmica que envolveu professores, alunos e funcionários, teve nas diretrizes da Fundação e da Reitoria, a orientação e procedimentos oportunos para que a FEI mantivesse um serviço de qualidade em clima de confiança e cordialidade.

Dois eventos relacionados com a Companhia de Jesus foram devidamente comemorados: a canonização do Beato José de Anchieta e o Bicentenário de Restauração da Companhia de Jesus.

A canonização do Padre Anchieta mereceu a edição especial do Cadernos da FEI completada agora com uma análise sobre sua influência na literatura brasileira.

A participação no Simpósio sobre o Bicentenário da Restauração da Companhia de Jesus motivou o interesse em conhecer melhor Santo Inácio e sua obra. Reproduzimos

a contribuição que foi partilhada na Semana de Qualidade.

Registrados um terceiro evento, relacionado à Companhia de Jesus.

No dia 16 de novembro, com a presença do Superior Geral, foi implantada a nova estrutura de governo e atuação dos jesuítas no Brasil com a criação da Província do Brasil e a posse no primeiro Provincial, Padre José Renato Eidt.

A Assembleia Extraordinária do Sínodo da Família, convocada pelo Papa, foi um acontecimento a ser comentado pela riqueza do material produzido para a consideração da próxima Assembleia Ordinária do Sínodo, quando o Papa estará novamente reunido com os bispos convocados.

A edição deste ano partilha uma experiência nova que o I Concurso Literário da FEI despertou nos professores, funcionários e alunos. O número e a diversidade de participantes, bem como os textos apresentados, revelaram o saudável contraste entre a seriedade do estudo, aulas e pesquisa com a sensibilidade, o imaginativo e o lado humano existente em cada um.

O contexto da sala de aula, a convivência e relacionamentos proporcionam experiências que não estão escritas, mas vividas intensamente no dia a dia.

Mais uma vez o coração da Igreja bateu forte porque tudo o que foi realizado contribuiu para a aproximação e solidariedade entre as pessoas.

Esta é a nossa missão para a maior glória de Deus!

*Pe. Paulo D’Elboux, S.J.
Assistente Religioso do Centro Universitário da FEI*

CRESCER NA SABEDORIA

Homilia da missa de abertura do ano letivo de 2014, celebrada na Capela de Santo Inácio de Loyola no campus de São Bernardo do Campo.

Nossa comunidade universitária inaugura o ano de 2014 neste local sagrado para ouvir a Palavra de Deus, celebrando a Eucaristia de Jesus. É muito consolador desejar que o nosso trabalho intenso, crítico, exigente, consagrado à formação da juventude, pela busca da verdade, transcenda as nossas forças naturais, buscando a confirmação da graça de Deus nos caminhos que tracamos a partir de nossas especializações. O próprio Deus nos atraí pela obra de suas mãos. A natureza canta o seu autor através de suas leis, cujos mistérios vão sendo descobertos e revelados, gerando conhecimento novo, continuamente transmiti-

do em redes de pesquisa e trabalho universitário.

Cada um de nós vive sua história, referencia-se em suas origens culturais, delineia os próprios projetos de vida e de trabalho. É maravilhoso poder escolher, discernir, optar pelo melhor. Com tudo o que fizemos, queremos fazer mais, comunicar aos nossos estudantes e colaboradores os valores que só nós podemos comunicar, porque são selos de nossas vidas em nossas atitudes. A sabedoria não se transmite, mas é dom a ser adquirido em cada momento da vida.



**Pe. Theodoro Paulo
S. Peters, S.J.**

Presidente da FEI

da vida. Apaixonar-se por ela e induzir os jovens a suscitar em si a mesma paixão é mais do que conseguimos sós, é necessário, como comunidade, pedir que o Senhor nos conceda. Pedi a sabedoria e ela será concedida. “Se a algum de vós falta a sabedoria, peça-a a Deus que dá a todos com simplicidade e sem censurar: ela lhe será dada” (Tiago 1,5). A busca da sabedoria nos congrega na plenitude de nossa fé e esperança. Não estamos sós, Deus está conosco. O próprio Jesus testemunhava a presença contínua do Pai em sua vida, com o qual conferia sua vida e missão, precedendo suas decisões.

Ouvimos o livro de Samuel, apresentando a unção de Davi como rei de Israel em Hebron. O Evangelho de Marcos relata os mestres da Lei desacreditando Jesus diante do povo.

Davi era rei de Judá, sua tribo durante sete anos. Quando vieram todas as outras tribos de Israel, Davi fez uma aliança com seus representantes, que o ungiram em nome do Senhor. O

reinado de Davi foi de 40 anos. Davi é chamado de pastor de seu povo, os anciãos destacam suas qualidades, credenciando-o como o homem que se precisava para unificar o povo de Deus. Pelo modo de descobrir, reconhecer, designar, percebe-se que foi uma eleição de Deus. Davi recebe a graça de Deus para o serviço de seu povo. Davi é um grande herói e reconhece a gratuidade de Deus abençoando-o ao longo de sua vida. Deus foi muito bom com ele, prometendo-lhe uma dinastia eterna que veladamente anunciava a vinda do Messias, da tribo de Judá, da família de Davi, da qual nasceu Jesus. À luz da ressurreição de Jesus, os apóstolos perceberam que a promessa divina se realizava. Davi foi uma figura do verdadeiro Pastor, o próprio Deus que envia seu Filho para cuidar de seu povo.

Jesus veio e causa surpresa a pouca recepção que lhe foi dada, desde o nascimento em condições de extrema pobreza, as perseguições de Herodes e de todos os que queriam manter o pró-



Vitrail – Claudio Pastro
Capela Nossa Senhora do Bom
Conselho – campus SP

prio poder a todo custo. Marcos nos introduz no conflito com os mestres da Lei. Vieram de Jerusalém, fizeram longa viagem, não se tratava de conflito local, mas foram enviados oficialmente. Fazem uma acusação grave: estava possuído pelo príncipe dos demônios, com cuja força expulsava os demônios que molestavam o povo. Não se dirigiram a Jesus. Jesus toma a iniciativa e os chama e lhes conta parábolas, a impossibilidade de satanás expulsar satanás. Como um reino ou uma família dividida entre si não pode subsistir, mas arruína-se. Se satanás ataca satanás, seu reino será destruído. Para entrar na casa de um homem forte, é preciso vencê-lo e amarrá-lo para apoderar-se de seus bens. O forte é o próprio demônio que foi vencido e amarrado por Jesus, que o obriga a ficar sem o bem de que se apossara, a pessoa que possuía. Jesus é o mais forte, o prometido por João Batista: virá o mais forte para julgar o mundo e conceder o perdão pleno de Deus.

Ao acusarem Jesus de posse da diabolice, fizeram o jogo

do diabo, usando qualquer meio para obter os seus fins. Queriam destruir a autoridade de Jesus. Com isso, praticaram a pior blasfêmia, atribuindo ao demônio o poder de Deus. Assim, se excluíram do perdão porque renegaram o Espírito Santo que pairava sobre Jesus. Tornam-se réus

munho da verdade, concedendo o seu Espírito, exigindo de cada pessoa um discernimento verdadeiro. A proposta evangélica é de adesão ao Bem, à busca do bem comum, à fraternidade responsável, ao perdão concedido ao próximo como condição de recebê-lo de Deus. O Evangelho exige reciprocidade.

“Jesus nos chama a atenção para não nos equivocarmos na percepção do Espírito Divino, que não cessa de nos chamar para a sua intimidade para que possamos santificar o mundo com nossa vida, presença e testemunho.”

de um pecado eterno. Jesus veio revelar o poder do mal e destruí-lo. Sua maneira de proceder é o caminho para o Deus da Vida. Jesus revela o Pai e seu amor. O mal é destruído pelo bem, a morte é vencida pela vida, o pecado é vencido pelo perdão. Jesus caminha fazendo o bem, dando teste-

Davi, com todas as suas qualidades, liderou seu povo e procurou agradar a Deus. Ele nos inspira a liderarmos os processos nos quais nos envolvemos com todas as nossas qualidades e talentos, com nossa formação qualificada, para que nossos estudantes e interlocutores possam crescer em sabedoria e graça de Deus. Jesus nos chama a atenção para não nos equivocarmos na percepção do Espírito Divino, que não cessa de nos chamar para a sua intimidade, para que possamos santificar o mundo com nossa vida, presença e testemunho.

2014 é a oportunidade que recebemos para caminhar com euforia e segurança pelas estradas da vida que Deus nos concede. □

LANÇAR O PRESENTE PARA O FUTURO

Pronunciamento na abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em janeiro de 2014.

A abertura deste ano letivo deseja partilhar o sentido da Educação Superior para as próximas décadas. Felicito a comunidade universitária da FEI pela iniciativa. Viver a vida universitária é

uma oportunidade maravilhosa para compartilhar o conhecimento, articulando-se em redes de interesse, criando ambiente motivador para os jovens formarem-se plenamente na ciência, nos valores, no uso do tempo, na cidadania responsável e no respeito pela natureza.

Esta comunidade iniciou-se há sete décadas e

continua em busca do sentido de sua Missão para as próximas décadas. Começa a preparar o centenário e necessita criar os cenários para as peças ainda não escritas, nem produzidas. A oportunidade é oferecida a todos os participantes do fazer universitário para que, reavaliando o que já foi conseguido, possam avançar pelos campos até então não trilhados. Convido a todos a dar passos efetivos na realização dos sonhos FEI CENTENÁRIA, desde já. O lançar o presente para o futuro exige de cada um o conhecimento da situação atual.

A FEI tem autonomia para fazer o Bem através do Ensino, da Pesquisa, da Extensão e Projeção Social Comunitária.



A FEI realiza a Missão da Companhia de Jesus na cultura, em nível superior, formando a juventude, criando cultura e influindo na opinião pública.

A FEI assume o discernimento transmitido por Inácio de Loyola como método de preparar decisões e estratégias para a realização da sua missão.

A FEI assume a articulação entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão para aumentar a coesão de seu fazer universitário. As três atividades, como vasos comunicantes, se retroalimentam. Capacitar talentos, alastrar ideias, enraizar cultura, aderir ao Bem Comum, seriam argumentos sobre a serventia da universidade. A sua razão de ser.

A FEI revisita sua Missão nos seus estágios de faculdades, Centro Universitário almejando ser universidade de pleno direito.

A sua Mantenedora vela pela sua Missão, pela plena utilização de energia, integrando, propondo, fazendo parte atuante para

que os pés estejam na terra e os olhares no céu.

As relações intensas da FEI com o Centro Universitário visam garantir a missão recebida.

As Divisões da FEI oferecem toda sua logística para o bom funcionamento do campus e o atendimento preventivo de suas

“Capacitar talentos, alastrar ideias, enraizar cultura, aderir ao Bem Comum, seriam argumentos sobre a serventia da universidade. A sua razão de ser.”

expectativas ou necessidades. Nossa logística é desenvolvida após escuta da Reitoria e de suas coordenações, através da Superintendência e suas seções, ligada à Divisão Administrativa e Financeira.

O livro do profeta Isaías apresenta como palavra de Deus a ele: “Não basta ser meu discí-

pulo. Eu lhe farei luz das nações para que a salvação chegue até os confins da terra.” (Is 49,6). Este texto nos coloca em sintonia com nossos fundadores, continuadores, colaboradores e alunos, todos vinculados à busca da qualidade, da perfeição, do Bem Maior, do encontro com Deus. Os itinerários, os percursos, para chegar ao término da viagem, para participar das gincanas e corridas, sabendo passar o bastão ao superar cada etapa. Que profissionais, que cidadãos queremos ser? Queremos formar? Queremos atualizar? Quais as propostas no que faço, devo fazer ou remodelar?

A Reitoria foi confirmada com a orientação de construir o futuro no presente; o passado passou, o futuro acontecerá gestado no presente que está ao dispor de todos. Para isso será necessário o desenvolvimento de alguns pontos para os quais peço a colaboração de todos, por exemplo:

- ◆ Atualização do Plano de Carreira Docente em vista do Projeto de Qualidade.



- ◆ Atualização curricular com a bibliografia dos cursos e disciplinas.
- ◆ Avaliação docente pela qualidade didática, atualidade científica e aptidão para a pesquisa.
- ◆ Ação departamental pela recuperação, retenção, desenvolvimento de talentos estudantis, iniciação científica, monitoria.
- ◆ Elaboração do novo P.D.I.

Estas menções fazem parte dos trabalhos desenvolvidos ao longo do ano 2013 e foram acordados

pelos participantes do grupo de trabalho liderado pelo Reitor. É o momento de colocarmos mãos, mentes, talentos à obra para a construção da qualidade como meta das próximas décadas.

Hoje é um dia feliz porque a Comunidade da FEI acolhe a presidência da AUSJAL, rede internacional de universidades jesuítas, destacadamente na América Latina, para maior envolvimento no respectivo plano estratégico. A FEI participou intensamente desde as reuniões preparatórias que culminaram com a sua fundação, em 1985,

em Roma. Pe. Fernando Fernández Font, nos visita pela primeira vez e escolheu realizar a reunião da Diretoria da AUSJAL, que preside, no *campus* São Bernardo, em sinal de apreço e amizade. Desejolhe as melhores boas vindas, expressando a amizade desta comunidade pelas instituições que representa: a Universidade Ibero-Americana de Puebla, no México e a AUSJAL.

Agradeço a atenção e apoio de toda a comunidade universitária da FEI. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.

COMO BARRO NAS MÃOS DO OLEIRO

Homilia da missa comemorativa da festa de Santo Inácio no reinício das atividades acadêmicas do segundo semestre de 2014.



É uma enorme oportunidade a nossa presença nessa capela no coração de nosso *campus* para, diante de Deus, abrirmos nosso espírito às graças e dons que Ele quer nos conceder neste semestre. So-

mos uma comunidade universitária desde a sua origem ligada ao carisma de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Este espaço sagrado é um oásis no dia a dia de todos. Todas as caravanas passam por aqui diariamente seguindo suas rotas: aulas, estudos, biblioteca, laboratórios, esportes, convivência, lazer. Este espaço a todos recebe em seu silêncio pacificador e discreto.

Estamos celebrando o início do semestre no dia de Santo Inácio de Loyola. Inácio nasceu em 1491 e faleceu em 1556. Sua índole o levava a querer destacar-se em tudo que realizava: trabalhos na corte, performance na dança; era valente nos desafios e aguerrido nos combates. Era bom de

espada e de pena. Legou sua espada legou a Nossa Senhora de Montserrat em uma vigília de armas, na qual se consagrou a serviço da Virgem. Sua pena, em caligrafia legível e elegante, gravou para sempre seu itinerário espiritual, seu legado para a humanidade, os Exercícios Espirituais. Homem de detalhes, escrevia em vermelho quando referia palavras de Jesus e em azul quando à Santa Virgem. Homem de conclusões, sabia tomar decisões após análise de todos os elementos disponíveis para tanto. Estrategista, empregava os melhores meios para atingir seus objetivos. Quando descobriu que viver maltrapilho, como achava que imitaria o modo de vida de Jesus, sentindo-se alvo de gozação e brincadeira, percebeu que não seria levado a sério ao falar das realidades espirituais que vivia. Quando foi vítima de desconfiança pela Inquisição porque ensinava sem título universitário, matriculou-se na universidade. Quando descobriu que estava com mau renome na Espanha, devido aos processos inquisitoriais, transferiu-se para a

Universidade de Paris. Para ele as conjecturas eram oportunidades para avançar em seu itinerário de ajudar a Deus, fazendo bem a todas as pessoas.

A Palavra de Deus que foi proclamada nos apresentou Deus se revelando com familiaridade ao profeta Jeremias para que pudesse

“A imagem escolhida do oleiro é aplicada ao Senhor que criou o homem e a mulher da argila. O ser humano é obra das mãos de Deus.”

desenvolver a sua missão. O Salmo 145 apresenta a identidade de quem pode salvar: só o Criador Imortal e não o ser mortal que vira pó. Mateus apresenta uma parábola para tirar as conclusões da chegada do Reino de Deus à Terra com Jesus. Estes textos nos ajudam a entrarmos nos mistérios da ação de Deus e da reação humana diante da sua revelação.

Jeremias relata que foi convidado pelo Senhor a ir à casa do oleiro para ouvir as palavras do Senhor. Lá chegando, observa o artesão moldando vasos de barro em um torno. Quando o trabalho não saía a contento, desfazia-o e recomeçava a moldar com o mesmo barro. Nele revelou-se a Palavra do Senhor: como o oleiro recomeça seu trabalho, não poderei eu também fazer com o meu povo? Como o barro nas mãos do oleiro, sois vós em minha mão. A imagem escolhida do oleiro é aplicada ao Senhor que criou o homem e a mulher da argila. O ser humano é obra das mãos de Deus. É reflexo de sua imagem. Deus inicia uma aliança desde a origem da vida humana. Ele entra com seu espírito e cuidado, espera a retribuição, o reconhecimento de sua ação criadora, veladora de seu bem estar. O oleiro refaz seu vaso, Deus espera que a racionalidade da obra de suas mãos, usufruindo sua liberdade e autonomia, volte-se para o Senhor. A mudança de atitude, a conver-

são não é automática, é necessário querer voltar ao caminho para a vida verdadeira que flui de Deus para o ser humano. Jeremias apresenta o Senhor como pedagogo indicando sua intenção: criar uma obra-prima com suas mãos, de seu agrado, “Ele viu que tudo era muito bom”. Deseja que sua obra viva queira viver em sua intimidade.

O salmista por sua vez canta a glória do Senhor. Afirma que Ele é o criador do céu, da terra, do mar e de tudo que neles existe. É no Senhor que se colocam bem fundamentadas a fé e a esperança. O Criador tudo pode, tudo provém de sua benevolência. Algumas pessoas se iludem e colocam sua segurança em outros seres criados. Como são mortais, perecem e com eles perecem seus sonhos e projetos. O Senhor é imortal, comunica vida. Por isso é feliz quem busca o seu auxílio no Senhor.

1. Gianfranco Ravazzi. *I Salmi*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1986, p.68.
2. André Chouraqui. *Cantique des Cantiques, suivie des Psaumes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970, p. 287.
3. Salmo 4, 7-8.
4. Num 6,25.
5. 2Cr 20,17.
6. Gialluisi, *Emergência*, dez.1981.

Caminhar de acordo com o Senhor, seguir sua Palavra conduz a plena, duradoura felicidade. “Quem me mostrará a felicidade? A resposta à eterna questão humana é dada pela fé, só a luz do semblante de Deus é a fonte de nossa alegria”¹. Ou também: “o drama se soluciona na alegria incendiada que ilumina a face do Senhor”². “Foi marcada em nós a luz da tua face Senhor. Destes mais alegria ao meu coração”³. Relembrando a bênção: “O Senhor faça resplandecer sobre ti o seu olhar e te conceda sua graça”⁴. O salmista, refletindo à noite em seu leito, fez uma descoberta e a publica para que todos possam fazer a experiência de encontrar em Deus a chave da vida da sua origem à sua plenitude. “Sede firmes na esperança e vereis vir até vós o auxílio do Senhor”⁵. “Volte-se para mim: tirarei o absurdo de seu coração,

e aí inscreverei a esperança que vem da parte de Deus”⁶.

Mateus exercera a função de cobrador de impostos até ser chamado por Jesus, por quem deixou tudo e o seguiu. Segundo Jesus com os outros discípulos no dia a dia, ouviu suas palavras, articulou pessoalmente seus ensinamentos, tirou conclusões de seus inúmeros milagres. Na interação de Jesus com as pessoas presas a enfermidades físicas, mentais, enfraquecidas pela fome, elas são saciadas com pão e peixes; a tempestade é apaziguada. A atitude de Jesus em oração, seu testemunho na Ceia, a prisão encaminhando para a crucifixão e morte. Sua sepultura, seu túmulo aberto, sua ressurreição, suas aparições e subida ao céu dando a todos o Espírito Santo. Mateus aprendeu vivendo, acreditou crendo, caminhou ao lado de Jesus caminhando cotidianamente. Recebe a confirmação de ser testemunha de tudo o que viu, ouviu, recebeu. Assim credenciado, nos apresenta uma bela aula, através da parábola da rede.

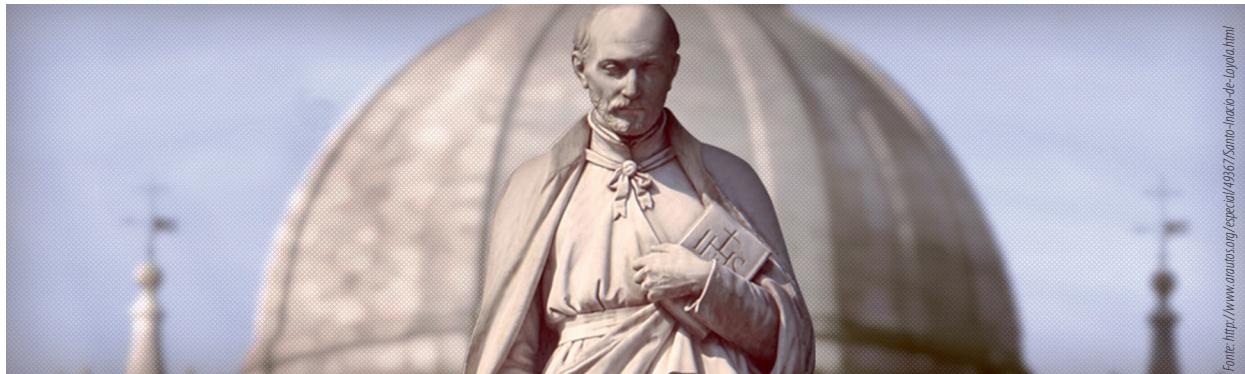


Foto: <http://www.arts.org/expo/4367/Santo-inacio-de-loyola.html>

O Reino dos Céus aproximou-se de nós. Jesus inaugura o grande convite à conversão para acreditar no Evangelho. O Reino é como uma rede que lançada ao mar traz toda sorte de peixes para a praia. Nela sentados, os pescadores fazem a triagem, guardando os bons e jogando fora os que não prestam. A imagem mostra a urgência de acolher a mensagem de Jesus e deixar-se moldar por ela. Anuncia o convite à santidade, Jesus é o oleiro de Jeremias, refazendo o homem à imagem e semelhança de Deus. Ele convida todas as liberdades a aderirem com otimismo. Os que aderem estão com Ele, os que não aderem rompem a comunicação com Ele. A triagem dos peixes

é imagem da triagem das atitudes más e boas da humanidade. São os anjos de Deus que fazem o balanço dos que partilharão a felicidade eterna e dos que serão jogados no fogo.

Na parábola do joio também aparece a imagem do fogo que destrói o que é daninho, depois de separado do trigo. Este discernimento do bem e do mal é um dom divino a ser acolhido incessantemente em toda a nossa vida. Compreender tudo o que Jesus ensina é tornar-se discípulo do Reino dos Céus, tirando do tesouro de seu coração, de sua cultura, tudo o que mais ajuda a realizar a vocação à vida concedida por Deus.

Com Jeremias, o salmista, Mateus, acolhemos a Palavra que nos salva de nossos limites, caprichos e perigos. Palavra que incentiva a não desanimarmos ante as dificuldades, mas acolher toda a realidade de nossas vidas como oportunidades para viver mais e melhor. Inácio de Loyola em suas peripécias encontrou e seguiu este caminho com Jesus. Que interceda por nós, nos estimule a prosseguir com alegria e esperança sempre acesa, contemplando a atuação divina em todas as suas criaturas e contemplando-as com o olhar de Deus, para acedermos à sua intimidade. Assim seja. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.

EFICIÊNCIA NA COMUNICAÇÃO

Pronunciamento na abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em julho de 2014.

A alegria é muito grande pelo reencontro com amigos e colaboradores para o início do segundo semestre letivo deste ano. Bela oportunidade para atualizarmos as informações e notícias, inovações e propostas em nível pessoal e institucional. Todos somos convidados a participar na construção contínua do Centro Universitário da FEI, assumindo a missão institucional recebida da Companhia de Jesus. Hoje celebramos a festa de Santo Inácio de Loyola, líder fundador da mesma. Receber uma missão significa, para a pessoa ser acolhida, pela aptidão para aceitar uma referência: uma baliza guia na busca da realização do projeto pessoal e profissional. A missão se tor-

na uma oportunidade altamente qualificada para o pleno desenvolvimento das próprias qualidades e dons, porque o referencial de Inácio para a Companhia de Jesus é superlativo: mais, maior.

Inácio não se contenta com resultados obtidos passados, lança-se no presente, visando o futuro. Não se regateia qualidade quando se busca agradar a Deus e ao próximo. Inácio descobriu a realidade de Deus em ação em sua vida e na história da humanidade e desenvolveu um ministério instruído, inserido na cultura para dar acesso a todas as pessoas à percepção descoberta por ele. Mais a humanidade se desenvolve plenamente, mais realiza o projeto divino de entrar em comunhão. Inácio observou,

refletiu, pesquisou sua vida, seus feitos, constatando seus limites e defeitos, em seguida, descobrindo a ação invisível divina conduzindo-o na vereda da vida. Foi seu trabalho de conclusão de curso. O próprio Deus foi seu mestre orientador. Seu diploma necessitou ser acreditado pela universidade referência: a Sorbonne, em Paris. Lá estudando, induzindo iniciação científica aos seus melhores companheiros, forma o grupo de pesquisa aplicada ao serviço da Igreja e da humanidade: a Companhia de Jesus. A Companhia de Jesus nasce na universidade, qualificada para dar as razões de sua esperança e de sua certeza: *Deus semper Maior*: reflete-se na qualificação humana, não porque Ele

cresça, mas porque com Ele o ser humano cresce, atinge níveis superiores, rompe suas amarras.

Estamos todos muito confortáveis fazendo a nossa universidade a serviço da formação em profundidade nossa e de nossos alunos e colaboradores. O tema proposto fala da “Eficiência na Comunicação”. Certamente, será eficiente se conseguir transmitir o necessário, o indispensável, o fundamental. Será eficiente se, além de transmitir criar laços de confiança, colaboração, estímulo, induzir a avançar no conhecimento, na pesquisa, na verbalização, na inovação. Se acrescentar complementos estimulantes para o crescimento intelectual, humano, social e espiritual. O título prossegue nomeando o comunicador que deve ser eficiente: Professor Aluno. Vendo um filminho no *YouTube* sobre cuidados paliativos para enfermos, a médica¹ sublinhava a questão do tempo. Resumidamente falava que o tempo condiciona as pessoas. Uma anciã



esquelética se prepara para a consulta. Marcou quatro meses antes, terá apenas 15 minutos diante do médico, para falar o que precisa sobre sua saúde. De sua parte, vestiu um vestido novo, colocou um chapéu na cabeça, brincos na orelha. Da

parte do médico, também são 15 minutos nos quais ouvirá, falará. Os mesmos minutos têm dimensão diferente na expectativa do clínico e da paciente.

Paralelamente, o professor dispõe de muitos minutos para seus alunos. Como cada parte se prepara para aproveitar ao

1. Ana Cláudia Quintana Arantes. Disponível em: <<http://www.yoube.com/embed/ep354ZXBES?re=0>>.

máximo este tempo? O currículo atualizado dos cursos e disciplinas, a bibliografia significativa, proposta clara, didática, apta para a pesquisa científica, estimulante para as ideias, motivadora. Qual a expectativa docente ao entrar em sala, em laboratório, para receber seus estudantes? Estudantes que chegam com suas expectativas, interesses, talentos, concentrações, carências e dispersões. Vieram, acordaram, se vestiram, chegaram. Conjugar os interlocutores articuladamente é a utopia do tema destes dias e de sempre na universidade e na vida. Para completar, menciona “Contexto de Mudança”. Reluz novamente a noção de tempo, de experiência, de inovação, de reinvenção dos métodos, instrumentos de trabalho, de projetos, de envolver no grande jogo de aprender fazendo, aprender pensando, aprender falando, debatendo, escrevendo.

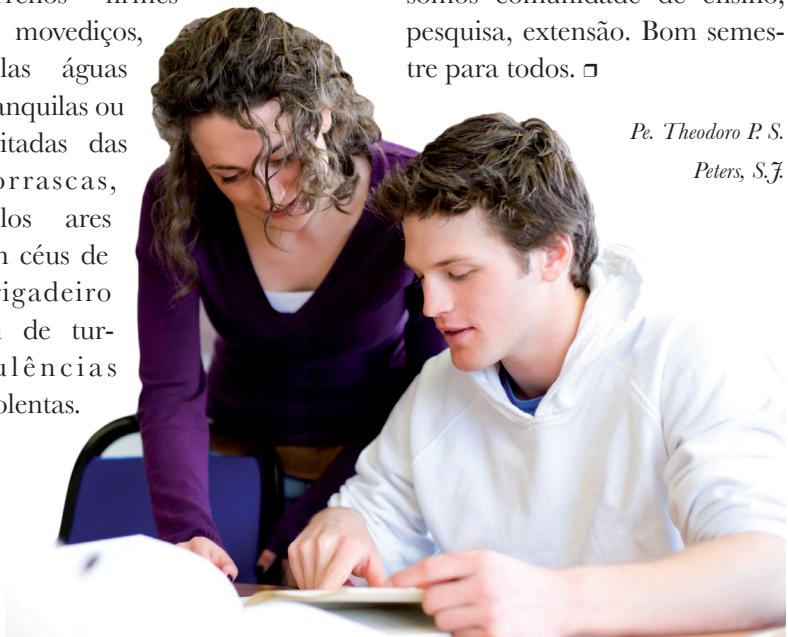
Inácio se comunicou consigo, com seus pensamentos, com suas frustrações. Comunicou-se com Deus, descobrindo que Deus se

comunicava com ele. Descobriu que deveria comunicar Deus ao próximo, para que pudesse fazer a experiência desta comunicação em seu tempo, sua vida, sua cultura, sua condição. A seguir, poder reduplicar o valor agregado para que outras pessoas, comunidades, equipes possam irradiar a mesma luz divina comunicada a cada um de maneira personalizada. Inácio nos ajuda a reconhecer a complexidade da missão e nos anima a avançar pelos terrenos firmes e movediços, pelas águas tranquilas ou agitadas das borrascas, pelos ares em céus de brigadeiro ou de turbulências violentas.

Os elementos fazem parte de nossa vida, nele nos situamos colocando toda nossa racionalidade, sabedoria, arte e espiritualidade na transformação de nós mesmos e na colaboração para a do próximo: estudante, professor, pesquisador, coordenador, administrador. Que continuemos construindo com qualidade a missão recebida, pela perseverança e o estímulo de uns para com os outros. Parece difícil, complexo, mas não estamos sós, somos comunidade de ensino, pesquisa, extensão. Bom semestre para todos. □

Pe. Theodoro P. S.

Peters, S.J



CURRÍCULO UNIVERSITÁRIO: (RE)ELABORAÇÃO, IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO

Saudação na abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em janeiro de 2014.

B

om ano de 2014 a todos!

Mais uma vez é com grande alegria que acolhemos a todos para abertura dos trabalhos desta Semana de Qualidade, ao longo da qual nos reunimos, corpo docente e corpo administrativo, para refletirmos e dialogarmos sobre temáticas referenciais para a nossa missão e para o nosso fazer universitário, motivados por bons estudos e boas experiências internas e de profissionais externos (nesse sentido, não poderia deixar de agradecer a disponibilidade de nossos visitantes e debatedores, que nos brindam com suas experiências pessoais e

profissionais frente a órgãos que colaboram com a política dos cursos em suas respectivas áreas do conhecimento).

Anunciamos também, ao abrirmos os trabalhos, o privilégio de sediar a reunião anual do Conselho Diretivo da AUSJAL – Associação das Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina – sob a Presidência do Reitor da Universidad Iberoamericana Puebla, Pe. Fernando Fernández, e suas Vice-Presidências regionais, assumidas

“... que nós como educadores assumamos cada vez mais o papel estratégico como mentores e orientadores, mais formativos que informativos.”



Prof. Dr. Fábio do Prado

Reitor do Centro Universitário da FEI



pelos Reitores das Universidades Andrés Bello da Venezuela (pela Região Andina), Católica de Pernambuco (pela Região Brasil) e Católica del Uruguay (pelo Cone Sul). Neste encontro, estarão em discussão a implantação dos projetos estratégicos da rede de universidades jesuítas.

Presenciaremos, portanto, nos próximos dias nesta casa, a reflexão sobre sentido da educação superior para as próximas décadas em diferentes instâncias da cadeia universitária, do executivo ao operativo (ou poderia ser, do operativo ao executivo). De modo que, buscando enaltecer a necessária complementariedade destes fóruns, traremos a experiência de alguns desses Reitores para nossa discussão, no contexto dos planos estratégicos das associações que estes presidem, como é o caso do Pe. Fernando Fernández e do Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, presidentes da AUSJAL e FIUC – Federação Internacional das Universidades Católicas, respectivamente.

Nesta edição, nossa proposta é refletir a educação superior sob um olhar mais metodológico, menos conceitual, podemos até dizer, menos dogmático. Não se pretende reduzir o teor da discussão, até porque esta tem por referência importantes valores e teses que fundamentam a nossa missão educacional, mas sim, deter-se na avaliação do método e dos instrumentos de operação, adequando-os para que o *sentido* da educação superior seja, efetivamente, compreendido e vivenciado por todos os protagonistas do processo de ensino e aprendizagem. E que, portanto, criemos um ambiente pedagógico favorável ao cumprimento de nossa missão universitária face ao novo contexto social e, a partir deste, antecipar algumas demandas das próximas décadas.

A proposta é desafiadora. Não temos a pretensão de esgotar a pauta, mas esta deve ser constantemente revisitada, se buscamos a excelência acadêmica. Não há espaços para passividade e para adiamentos, e sendo contundente, não há espaço para ineficácia. Enfrentamos em nosso trabalho diário os resultados de uma formação deficiente em seus níveis fundamentais, e temos a responsabilidade de, neste momento de formação dita superior, atenuar tais efeitos por meio de metodologias ativas, críticas, inclusivas e inovadoras, que façam com estes alunos assumam suas responsabilidades no processo, e que nós como educadores assumamos cada vez mais o papel estratégico como mentores e orientadores, mais formativos que informativos.

Proponho que reflitamos profundamente no real “impacto intelectual” de nossas ações pedagógicas: que as nossas ideias gerem novas ideias, que nossas ideias definam valores e estabeleçam critérios para os jovens, e que nossas ideias transformem e qualifiquem o processo de formação em si. Devemos estabelecer com essa juventude, da forma que esta aí, da forma que a recebemos e que a acolhemos,

uma rede de objetivos, linguagens e símbolos comuns, que gere uma integração pautada na confiança e no respeito, que conduza gradativamente ao conhecimento e à autonomia, que constituem os fins da nossa missão universitária.

Alguns elementos são irrenunciáveis neste processo de aprendizagem e gostaria de registrá-los, deixando-os como orientações a todos os colaboradores que fazem o dia a dia da FEI e que realizam o efetivo contato com nossos estudantes:

1. O conhecimento da visão institucional e de suas relações com a sociedade: o coletivo deve prevalecer sobre o individual;

2. Constante abertura ao diálogo;

3. Atitudes coerentes: não esquecer que devemos ser referências a esses jovens, se queremos o diálogo;

4. Partilha de responsabilidades: fazer com os jovens assumam as consequências dos seus atos;

5. Novas formas de relacionamento e de comunicação: privilegiar metodologias que valorizem os aspectos culturais e sociais desses jovens;

6. A aprendizagem como forma de compreensão do contexto real e das relações sociais;

7. Conteúdos muito bem articulados a partir da matriz conceitual do curso, de modo a favorecer a visão do curso sobre a visão de disciplinas;

8. Integração com pesquisa: a permanente busca da fronteira do conhecimento (não se tornar obsoleto);

9. Universalização dos processos (ou internacionalização, como se fala tanto hoje em dia): no sentido de que a educação deve proporcionar que o jovem vivencie outras culturas e que o mundo “identifique” o aluno que estamos formando; portanto, temos que criar as pontes necessárias para esta mobilidade;

10. Finalmente, avaliações

condizentes com requisitos anteriores.

Que este *decálogo* inspire os trabalhos desta semana.

2014 será um ano de conclusão e implementação do plano de gestão estratégica, em que todos serão integrados e chamados a assumir suas responsabilidades, em suas áreas de atuação.

Enquanto Reitor reempossado para biênio 2014-2015, reitero nosso compromisso em manter a harmonia do ambiente universitário, a busca dos meios necessários para o desenvolvimento institucional planejado e a motivação da equipe para o alcance dos resultados e metas estabelecidos. Particularmente, que sejam dados passo seguros para a obtenção do **IGC 5**, que tem como insumo majoritário o ENADE e que em 2014 avaliará os Cursos de Engenharia e Ciência da Computação. Ano, portanto, estratégico para nossos objetivos institucionais.

Bom trabalho e abraços fraternos. □

AS PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR CATÓLICA NO CONTEXTO DO PLANO ESTRATÉGICO DA AUSJAL

Discurso de encerramento da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em janeiro de 2014.

Chegamos ao terceiro dia de nosso encontro semestral de discussão de temas referenciais e emergentes a nossa missão universitária e à Educação Superior em geral. Discutimos, nos dias anteriores, as perspectivas da (re)construção de currículos pautados em competências; refletimos sobre os aspectos conceituais e práticos da aprendizagem significativa, partilhando abordagens metodológicas que proporcionem autonomia, criatividade e uma atitude mais crítica de nossos alunos; e ouvimos as palavras do Presidente da FIUC, que nos contextuali-

zou o plano de ações da Federação, resgatando e atualizando os princípios da universidade católica por meio de moderna releitura da constituição papal para educação superior católica.

Hoje, continuaremos a reflexão sobre o sentido do Ensino Superior no contexto da Companhia de Jesus na América Latina. Nossa diálogo se dará com o Reitor da Universidad Iberoamericana Puebla e Presidente da Associação das Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina – AUSJAL, Pe. Fernando Fernández, que nos apresentará a experiência da

rede AUSJAL, suas prioridades estratégicas e a contribuição destas para a educação jesuíta.

Preliminarmente, ouviremos as palavras do Presidente de nossa Mantenedora, Pe. Peters, que mantém conosco um permanente diálogo, pautado em sua rica experiência universitária e em sua alegria motivadora.

É função do mediador da mesa, além de controlar os debates e o tempo das intervenções, animar o diálogo. E, portanto, gostaria de abrir a reflexão reproduzindo as palavras do Pe. Geral da Companhia, Adolfo Nicolás SJ, na eucaristia inaugu-



ral da Conferência sobre o Trabalho em Rede do Ensino Superior Jesuítico, na Universidade Iberoamericana do México em 2010, relatadas pelo próprio Pe. Peters presente no referido encontro. Ao comentar o Evangelho de Lucas, Pe. Nicolás fala de *Jesus perdido no templo, que retorna para a família, família, na qual “crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens”*, afirmando a importância da família para o pleno desenvolvimento de Jesus. É preciso procurar onde se perdem hoje as pessoas, os nossos alunos e as nossas alunas – globalização, internet, shoppings, outros ambientes – para que retornem a nossa “família”, família enquanto

universidade, família enquanto presença, família enquanto valores.

Esta sentença nos abre caminhos para repensarmos o sentido da educação superior... como nossos planos de curso e planos de disciplinas atraem esses alunos “perdidos”? Este é o lema de nosso encontro.

A atenção a algumas experiências podem nos ajudar a propor ações e dar vazão às nossas inquietudes; e, certamente, as experiências dos jesuítas Theodoro e Fernando, nossos palestrantes desta manhã, nos proporcionarão ricas inspirações. Mas antes, gostaria de falar de

outra experiência, a experiência pioneira dos companheiros – Inácio de Loyola, Francisco Xavier e Pedro Fabro – mentores dos alicerces da Companhia de Jesus, narrada no vídeo “*O mundo não é suficiente*”, que gostaria de compartilhar com vocês antes de passar a palavra ao Pe. Peters.

Observem como diferentes elementos – seja um acidente, seja um sonho, seja uma oração –, quando carregados de significado e bem trabalhados, conduzem a diferentes inspirações e a um ideal comum... e nos tornam construtores de pontes entre culturas! □

Prof. Dr. Fábio do Prado

REDES DE COMUNICAÇÃO

Saudação feita na abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em julho de 2014.

É com renovadas expectativas de trabalho de qualidade, de novas e boas realizações, e de alegria em nossas tarefas diárias, que nos reencontramos neste auditório para a abertura das atividades de nossa tradicional Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, que antecede um novo semestre letivo. Semestre este que, abandonando “as chuteiras” e se recompondo da decepção futebolística, se lança a um mar de incertezas, ladeados por promessas “eleitoreiras” e duvidosas articulações. Descortina-se um cenário econômico preocupante, de baixa produção industrial e de instabilidades sociais que abrem brechas a um estado de agitação e violência,

que mesmo não sendo gratuito, muitas vezes não se justifica, marcado por excessos, por falta de objetivos e consequentemente passível de manipulações.

Esta introdução, um pouco melancólica e aparentemente desproporcional aos propósitos de nossa Semana, torna-se pertinente quando se observa que esta nova “onda social” nos invade enquanto centro de formação superior, enquanto palco privilegiado de reflexão dos problemas reais de nossa sociedade e enquanto referência de valores sociais.

Em momentos de crises, em momentos de *mudanças*, quaisquer que sejam sua natureza e suas origens, somos chamados – ou melhor, convocados – a uma profunda reflexão de nossa Mis-

são e de nossa função social enquanto educadores, da eficiência de nosso diálogo com estes jovens, que podem não estar fisicamente envolvidos com os “movimentos de rua”, mas são atingidos por seus reflexos por meio da *conectividade* das redes sociais, e influenciados em seu modo de pensar e agir.

Somadas a todas as outras características da nova geração de jovens que chegam a nossas salas, a tão propalada Geração Z, objeto de inúmeras pesquisas entre psicólogos, sociólogos e pedagogos, somada ainda à diversidade social dos indivíduos que foram incluídos na educação superior, seja pela acessibilidade facilitada pelos programas sociais públicos, seja pelo aumento do

nível de escolaridade da população brasileira, acolhemos em nossas turmas jovens inquietos e curiosos para compreender este cenário de instabilidades, que os faz oscilar da superficialidade e do imediatismo, característicos dos novos meios de relacionamento, a um estado de busca de verdades e de referenciais sociais que não os façam perder o bonde da (es)história.

Estes jovens buscam nos temas e nos conteúdos das discussões em classe, e principalmente nas atitudes e nos exemplos dos membros de sua comunidade, os referenciais necessários para o discernimento e maturidade de raciocínio. Podemos

até não perceber inicialmente esta determinação nos alunos, mas temos de reconhecer que eles reagem positivamente e participam quando são “provocados” de maneira adequada. E esta preocupação deve nos desafiar constantemente e, por isso, mais uma vez retorna, com uma abordagem mais prática, ao centro das reflexões desta semana, por meio da partilha de

experiên-

cias pedagógicas e do uso de metodologias diferenciadas.

Sinceramente, espero que as experiências aqui apresentadas possam reverberar em nossas aulas, não como modelos fechados, não como ferramentas únicas e isoladas, mas como ideias indutoras de inovações pedagógicas e de apropriação das novas tecnologias, que, mitigando o medo da novidade, nos lancem a novos desafios. Não por modismo, não para efeito de simplificações ou facilizações, não pelo apelo imediatista do mercado; mas que tais iniciativas se desenvolvam, fundamentalmente, pela necessidade de alinhamento de



linguagem entre todos os protagonistas – professores, alunos, funcionários administrativos –, pela oportunidade, pela potencialidade e pela abrangência dos novos recursos de comunicação, e sobretudo pela necessidade de modernização de conteúdos, de abordagens e de técnicas de nossos currículos e planos de disciplinas, para que a academia se posicione adequadamente frente aos problemas emergentes e frente às novas demandas sociais e tecnológicas.

É importante rever a forma de comunicação e consequentemente nosso conceito de *aula*, equilibrar o clássico modelo de oratória do Areópago (“Colina das Artes”) grego aos novos modelos de comunicação favorecidos pela tecnologia, equilibrar o presencial e o virtual, a teoria e a prática, o árido e o lúdico, sem jamais negligenciar a qualidade do processo formativo, favorecer o fácil e ignorar as novas habilidades dos alunos, que são o motivo de nossa missão.

Recente pesquisa do médico

e sociólogo Dr. Nicholas Christakis, da Universidade de Harvard, e do cientista político Dr. James Fowler, da Universidade da Califórnia – San Diego, publicada no Brasil com o título *O Poder das Conexões (Connected – The Amazing Power of Social Networks and How they shape Our Lives)*, busca demonstrar, por meio de estudos científicos em diferentes áreas do conhecimento, como as redes das quais fazemos parte influenciam nossas vidas: o trabalho, a saúde, as emoções, dentre outros aspectos.

Os autores afirmam: “*O segredo para entender as pessoas é entender os laços entre elas, nos quais o foco passou a ser a compreensão dos laços sociais. Estes têm muito mais a dizer do que simplesmente um indivíduo sozinho. (...) Para saber quem somos, precisamos entender como estamos conectados*”.

Os autores afirmam também que “*as redes sociais podem ter propriedades e funções que não são nem controladas, nem mesmo percebidas, pelas pessoas dentro delas*”.

E, portanto, que os sentimen-

tos provêm muito mais do grupo, do que do indivíduo. Não estamos falando de qualquer agrupamento de pessoas, mas o que eles classificam como redes sociais que apresentam topologia, dinâmica e centralidade particulares, que justificam padrões próprios de conexões. Redes que estabelecem e obedecem a suas próprias regras, muitas vezes distintas do contexto dos indivíduos que as compõem, e que se amparam num complexo processo de propagação que envolve o reforço por meio de múltiplos contatos sociais.

Ainda nas próprias palavras dos autores: “*Nessas redes acontece uma reação social em cadeia, na qual podemos ser profundamente influenciados por eventos que nós não presenciamos e que acontecem com pessoas que nós não conhecemos. É como se sentíssemos o pulso de um grupo social que nos circunda e respondêssemos aos seus persistentes estímulos (ritmos). Como partes de uma rede social, transcendemos a nós mesmos, por bem ou por mal, e nos tornamos parte de algo muito maior. Estamos conectados*”.

E ainda: “As redes sociais têm valor justamente porque elas nos ajudam a realizar o que nós não realizaríamos por nossa própria conta”.

Estas e outras questões apresentadas neste estudo têm me desafiado nas últimas semanas a refletir sobre as nossas relações e sobre as conexões que acontecem conosco e ao redor de nossos círculos de relacionamento. Bem como sobre a forma de influência dos círculos externos, e até desconhecidos, sobre as pessoas conectadas a estas redes que chegam até nós e onde nos relacionamos. Estas pulsam sob influências de outros grupos que nós insistimos em negar ou omitir, observadas sempre a partir de nossas experiências. Nesse contexto, a comunicação certamente fica comprometida.

De outro modo, o trabalho nos indica que aspectos como violência e moralidade devem ser tratados como fenômenos públicos e não privados. O que nos leva à difícil arte de promover a *cura personalis*, ou seja, a atenção personalizada à pessoa,

sem desconectá-la de suas redes sociais. Para tanto, precisamos conhecer suas relações, as informações e os sentimentos que essas redes induzem.

Vou um pouco além, pausando as reflexões em aspectos

“**É importante rever a forma de comunicação e consequentemente nosso conceito de AULA, equilibrar o clássico modelo de oratória do Areópago (“Colina das Artes”) grego com os novos modelos de comunicação favorecido pela tecnologia, equilibrar o presencial e o virtual, a teoria e a prática, o árido e o lúdico, sem jamais negligenciar a qualidade do processo formativo.**”

mais comportamentais do que instrumentais: foi publicada recentemente pesquisa conjunta desenvolvida pela Universidade de Purdue e a Fundação Lumi-

na entre os dias 4 de fevereiro e 7 de março deste ano com aproximadamente 30.000 adultos graduados, com o objetivo de relacionar suas experiências na universidade e suas condições atuais de vida (*Inaugural Gallup-Purdue Index*).

O estudo mostra que o tipo de instituição que essas pessoas frequentaram, pública ou privada, muito ou pouco seletiva, pequena ou grande, não consiste no aspecto determinante para o engajamento do egresso na profissão e no ambiente de trabalho, bem como para o seu atual bem-estar. Ao contrário, o estudo mostra que o suporte e as experiências relacionais, muitas vezes extraclasse e/ou extracurriculares, levam a resultados mais expressivos a longo prazo.

Um exemplo específico: se o graduado lembrar de professores que o trataram respeitosamente, ou que o motivaram durante o processo de aprendizagem tornando o conteúdo excitante, ou mesmo que o encorajaram

a perseguir sonhos, a probabilidade de ser engajado no trabalho mais que duplica; o mesmo pode ser observado com relação à probabilidade de prosperar em vários aspectos relacionados ao seu bem-estar. Ainda, se o graduado tiver a possibilidade de estagiar na própria instituição, se envolver em projetos de pesquisa ou em outras atividades extracurriculares, onde possa aplicar o que aprendeu em sala de aula, a probabilidade de engajamento profissional também dobra.

De modo até contundente, considerando os valores relativos apresentados pela pesquisa, esta também nos provoca a repensar currículos, repensar metodologias e até nossos critérios de avaliação e de seleção. As experiências e prática universitárias que envolvem uma educação ativa demonstram uma relação mais profunda do que imaginamos com a vida e com a carreira dos egressos.

Outro importante resultado

da pesquisa é que, em valores absolutos, muito poucos tiveram acessos a essas experiências ou se demonstraram proativos em experimentá-las. Em ambos os ca-



sos, seja por imprecisão de uma parte ou de outra, verifica-se um sério problema no processo ensino-aprendizagem.

Nossa expectativa é que estas e outras percepções, que estas e outras experiências, enriqueçam as discussões ao longo das atividades desta edição da Semana da Qualidade, e que esta constitua efetivo espaço de convivência sadia de nossa comunidade docente e administrativa; espaço de respeito à diversidade de ideias e do diálogo transparente; constitua um momento de alinhamento de conduta dos membros dos diversos setores institucionais, de integração entre o didático e o administrativo; e principalmente um momento do exercício de pertença à comunidade Feiana, que, como rede social de 73 anos, possui objetivos comuns que superam os interesses individuais. Que cresçamos todos em qualidade e em engajamento como corpo único consciente de sua Missão.

Bom evento a todos! □

Prof. Dr. Fábio do Prado

O SÍNODO, O PAPA E A FAMÍLIA

Iniciado no dia 5 de outubro de 2014 e encerrado no dia 19 do mesmo mês, o III Sínodo Extraordinário dos Bispos trabalhou as respostas do questionário enviado no mês de novembro do ano passado às dioceses, Conferências Episcopais, Movimentos, Associações e outros grupos de referência dentro da Igreja sobre como está a vida matrimonial e, especialmente, como é vivido o Evangelho na família, quais são os desafios e as situações mais difíceis.

O Santo Padre convocou bispos, cardeais e sacerdotes, além de alguns casais e leigos que, pela própria experiência, estavam capacitados a dar aos padres sinodais (assim são chamados os bispos que participam do Sínodo) testemunhos de suas

vidas, de como enfrentavam problemas relacionados à vivência da fé no contexto familiar.

Sabemos que a situação da família é muito diversa nas diferentes regiões do mundo. Por exemplo, na Ásia temos muitos casamentos mistos (pessoas de religiões diferentes) e também com não-crentes; na África, a homossexualidade é rejeitada, mas as famílias poligâmicas são realidade; e por aí vai a vasta gama da diversidade da família hoje no mundo.

Logo no início do Sínodo, o Papa Francisco pediu aos senhores bispos que não se intimidassem com a sua presença e falassem com a máxima liberdade. A

Pe. César Augusto dos Santos, S.J.

Ex-Diretor do Programa Brasileiro da Rádio Vaticano

“A família precisa ser acolhida, não importa por qual tipo de crise esteja sendo atingida. A Igreja sempre esteve de portas abertas a todas as pessoas, por mais irregulares que estivessem suas vidas.”



família precisa ser acolhida, não importa por qual tipo de crise esteja sendo atingida. A Igreja sempre esteve de portas abertas a todas as pessoas, por mais irregulares que estivessem suas vidas.

Ao final do Sínodo extraordinário, foi publicado um documento final que será a base para o Sínodo ordinário a ser realizado.

Como o Sínodo é consultivo, isto é, não legisla, mas dá suas propostas e sugestões ao Papa, que as escuta, reflete e reza sobre elas e, meses depois, se julgar por bem, publica um documento chamado “Exortação apostólica pós-sinodal”, ele permaneceu em silêncio durante as sessões e seus debates. Contudo, não deveremos esperar esse documento para o próximo ano, já que o relatório final, juntamente com outros, será refletido e estudado pelos bispos que participarão, em outubro de 2015, do Sínodo Ordinário para a Família. Após esse Sínodo, aí sim, poderemos aguardar um documento saído das mãos do Papa Francisco. Será a palavra do Magistério so-

bre estas questões da família no mundo de hoje.

Não deveremos aguardar esse pronunciamento do Santo Padre como se ele fosse mudar a Doutrina da Igreja, mesmo sendo o chefe visível da Igreja; o sucessor de Pedro não possui autoridade para isso. Uma verdade revelada será sempre uma verdade revelada.

“Podemos dizer que um dos frutos desses dias foram as análises socioeconômicas da realidade das famílias.”

Contudo, sua compreensão poderá ser aprofundada e evoluída no tempo, o que poderá acontecer serão mudanças na pastoral, no modo de a Igreja se relacionar e tratar certas questões.

A Doutrina é imutável, mas o modo de vivenciá-la e de administrá-la, não.

Se tudo foi relativamente

tranquilo e sereno como se esperava – isso não significa que todos os bispos concordavam uns com os outros –, não foi essa a imagem que a mídia procurou passar. Exatamente por haver pensamentos diferentes – o que é normal quando se trata de discutir temas vivenciados de modos diversos – a mídia ressaltou a diversidade de opiniões como divisão na Igreja entre tradicionais e progressistas, o que antes de ser debilidade, é uma grande riqueza! Imagine-se todo mundo pensando igual. Não haveria progresso, não haveria evolução!

Podemos dizer que um dos frutos desses dias foram as análises socioeconômicas da realidade das famílias.

Assim, falou-se dos sistemas perversos, frutos da idolatria do dinheiro e da ditadura de uma economia sem rosto humano, que humilha a dignidade das pessoas.

Comentou-se a realidade de jovens que não possuem emprego e tampouco uma atividade, e transcorrem os dias sem fazer nada e sendo presas fáceis das drogas.

Há muitos pais desempregados sem poderem satisfazer às necessidades elementares de suas famílias. Deu-se destaque às famílias dos refugiados, das que são perseguidas por causa da fé; das mulheres, dos jovens e das crianças que sofrem abusos e são violentados.

Evidentemente, outros temas relacionados à família, como a união homossexual, segundas uniões, também foram discutidos e refletidos.

Tomou-se consciência da premente necessidade de se ir ao encontro dessas famílias e pessoas, sem descuidar daquelas que servem de modelo e de testemunho da vivência dos valores cristãos. Reafirmou-se o valor do matrimônio cristão como vocação que requer fidelidade e coerência. Falou-se da necessidade de incrementar o caminho de preparação para esse momento tão importante.

Enfim, durante estes meses e sobretudo no próximo mês de outubro, rezemos ao Senhor



pelas famílias. Peçamos a São José, que viveu uma existência familiar diferenciada, mas nem por isso fora da nossa realidade, ao contrário – chamado a assumir um filho que não era dele, ter de fugir, abandonar sua terra para salvar a criança, procurar trabalho em terra estrangeira para sustentar mulher e filho, responder diante de Deus pela educação e formação do menino – bastante atual, que proteja nossas famílias, seus componentes e, sobretudo, torne suas habitações verdadeiros lares.

Terminamos com um trecho

da homilia do Papa Francisco no domingo, dia 19 de outubro, encerramento do Sínodo:

“(...) ‘sínodo’ significa ‘caminhar juntos’. E, na realidade, pastores e leigos de todo o mundo trouxeram aqui a Roma a voz de suas Igrejas particulares para ajudar as famílias de hoje a caminharem pela estrada do Evangelho, com o olhar fixo em Jesus. Foi uma grande experiência, na qual vivemos a sinodalidade e a colegialidade e sentimos a força do Espírito Santo que sempre guia e renova a Igreja, chamada sem demora a cuidar das feridas que sangram e a reacender a esperança para tantas pessoas sem esperança.” □

SANTO INÁCIO DE LOYOLA: ESTUDAR, DISCERNIR.

*Palestra proferida na Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão,
em julho de 2014.*

O momento de Santo Inácio (1491-1556) é de grande importância na história da Europa. Gravitando em torno de paradigmas culturais próprios, a sociedade europeia ocidental vivia dupla transformação: interna, na desagregação de perspectivas existenciais tradicionais, no âmbito de novas especulações religiosas e espirituais; e externa, no contato recorrente com outros mundos, povos e culturas. O período é de expansão, de abertura de horizontes sociais, humanos e globais. Um grande deslocamento populacional europeu teve início, na direção de outros continentes, e acabou dando origem a outros deslocamentos

humanos em escala mundial, tanto voluntários quanto forçados. Mas também foi uma época de interiorização, de descoberta de essências íntimas e individuais, ou de espaços psíquicos que podiam servir de refúgio para consciências perturbadas pelo aparente caos e imprevisibilidade do mundo. Alguém pode argumentar que dessa maneira também pode ser caracterizado o nosso tempo. E assim é: o momento de Santo Inácio é ainda o nosso momento.

Edgard Ferreira Leite Neto

Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro Titular da Academia Brasileira de Filosofia e Diretor Executivo do Centro de História e Cultura Judaica.

“Como escreveu Santo Inácio: “aquele que busca escalar as alturas deve ir às profundezas” .”



Mas no século XVI todas essas experiências eram novas. As peregrinações individuais da época permitiam a muitos a descoberta da capacidade pessoal de construir, de forma autônoma, por vontade, aquilo que antes era imposto, ou que deveria ser aceito sem discussão ou sentimento: o sentido da vida. Que o interior da pessoa podia ser fonte legítima de justificações tornou-se aos poucos claro a amplos setores pensantes da época. O problema era que a desagregação dos elos coletivos, que deu origem a uma perspectiva mais plural e alocêntrica do mundo, não raramente transfigurava-se em oposição ao coletivo, em crítica fragmentadora do social. Para muitos, no interior da alma, em crescente autonomia, podiam, no entanto, ser encontrados elementos capazes de permitir novas agregações, numa era de desagregações. O individualismo ruptor não era o único destino das justificações fundadas a partir da interiorização.

Como escreveu Santo Inácio: “aquele que busca escalar as

alturas deve ir às profundezas” (*apud* Havañesi: 42). Ou seja, para alcançar a integração com Deus, a totalidade, era necessário investigar e viver a individualidade fragmentada e subterrânea da psique. E não apenas a dos outros, mas principalmente

“A experiência de Santo Inácio é vivência que representa um vetor essencial em tal movimento de agregação, de potencialização do ser na busca dos sentidos, internos e externos.”

a da própria alma. Pois, como afirmou: “os erros cometidos por outros, você devevê-los, como num espelho, como alguma deformidade que deve ser removida em você mesmo” (*apud* Havañesi: 83). A descoberta do interior, do indivíduo, era caminho possível para a realização de uma moral coletiva e agregadora.

A experiência de Santo Inácio é vivência que representa um vetor essencial em tal movimento de agregação, de potencialização do ser na busca de sentidos, internos e externos. Nos seus escritos fica clara a necessidade de um permanente movimento de *discernir*, ou de tentar entender, a partir das diferenças entre eventos subjetivos, as realidades que se formam no mundo interior humano, para permitir uma ação pertinente. Nos *Exercícios Espirituais*, os movimentos da consciência são entendidos a partir de uma lógica pendular, que funciona em movimentos interiores (mesmo se vindos do Bem ou do Mal, exteriores). As fórmulas para entender esses deslocamentos íntimos, o *Discernimento dos Espíritos*, pretendem, entre outras coisas, garantir o aprofundamento dos momentos de consolação, “o movimento interno que impele a alma para mais servir e amar o seu Criador e Senhor”, e a travessia dos momentos de desolação, onde predominam “trevas na alma, perturbações, inclinação para

coisas baixas e terrenas" (Loyola, *Exercícios*: 324-325).

A confiança na razão não era coisa nova na teologia católica. Mas era inovadora a percepção de que o ser humano poderia ser orientado a utilizá-la com pertinência prática, e, mesmo contando com o auxílio de um mestre ou tutor, partindo principalmente de sua potencialidade individual íntima, num cuidadoso estudo, pessoal, dos movimentos da sua consciência e com o auxílio da sua imaginação.

O *discernimento*, assim, implica num ato de conhecimento de uma lógica do funcionamento do universo e de como o ser se inserir diante de Deus, com o objetivo de reconhecê-Lo. Pois, como afirma Santo Inácio, Deus "se move e nos força interiormente a uma ação ou outra, abrindo nossas mentes e corações" (Loyola, 1536: 2996). Como definiu Howard Gray, o "discernimento é o processo de escolher entre diferentes bens aquele bem que Deus quer que eu escolha aqui e agora" (Gray: 28).

A experiência mística era, para Santo Inácio, compreendida assim como fundamental para uma correta inserção do ser no mundo. Os *Exercícios* eram um meio através do qual o ser pensante buscava tal diálogo com Deus, utilizando seu discernimento. Isto propiciava uma

Pois, como afirma Santo Inácio, Deus "se move e nos força interiormente a uma ação ou outra, abrindo nossas mentes e corações".

interação sofisticada com o divino e abria caminho para a obediência a Deus e suas vontades, não pelo medo, mas pelo amor (Loyola, *Diary*: 2507).

II

Tal valorização do humano e de seu mundo interior, ao pas-

sar pelo movimento de discernir coisas de outras coisas, avaliando-as em função de realidades e fatores internos e externos, a fim de alcançar a capacidade de reconhecer a fala de Deus e estabelecer as bases do diálogo místico, continha igualmente uma dimensão maior de confiança na correta percepção do sentido das palavras e conceitos. A operação intelectual inaciana foi fruto direto e indireto de um ambiente espiritual disputado e elaborado, no qual as universidades na Europa desempenharam um importante papel.

Na Espanha do século XVI, conturbada tanto pelo acelerado crescimento econômico, quanto por guerras e conflitos étnicos, grande importância desempenhou a figura do Cardeal Francisco de Cisneros (1436-1517). Frade franciscano, Arcebispo de Toledo, Inquisidor-geral de Castela e duas vezes regente do trono, Cisneros fundou a Universidade de Alcalá. Alcalá foi um centro difusor de literatura religiosa, e, para além da edição da

Bíblia Poliglota Complutense, a Universidade financiou uma série de publicações que tiveram grande importância na vida religiosa católica espanhola, como o *Vita Christi*, de Ludovico da Saxônia (Homza: 29).

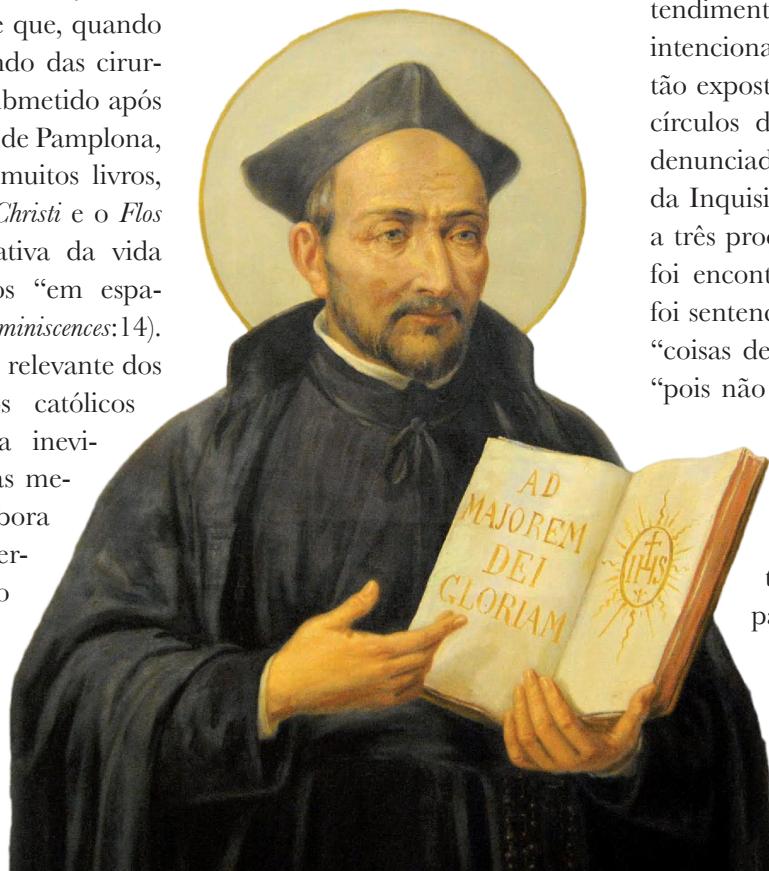
Em suas *Reminiscências*, Inácio relembra o fato de que, quando estava convalescendo das cirurgias às quais foi submetido após ser ferido no cerco de Pamplona, leu com atenção muitos livros, entre eles, o *Vita Christi* e o *Flos Sanctorum*, a narrativa da vida dos santos, ambos “em espanhol” (Loyola, *Reminiscences*:14). Isso aponta a ação relevante dos meios acadêmicos católicos espanhóis. Parecia inevitável, segundo suas memórias, que, embora suas visões e exercícios interiores o colocassem permanentemente diante de Deus, procurasse algum saber mais instrumental, adequado, pro-

vavelmente, a melhor fundamentar o *discernimento*. Assim, após anos de peregrinação, dirigiu-se a Alcalá, em 1526. Embora não pareça ter desenvolvido atividades regulares na Universidade, ali, segundo ele, estudou a *Lógica* de Domingo Soto, os *Co-*

mentários à Física de Aristóteles (de Alberto o Grande ou Alberto da Saxônia) e o *Sentenças*, de Pedro Lombardo. Em Alcalá teve início uma importante inflexão na sua jornada espiritual. Naquela época florescia na Espanha a heresia dos *alumbrados*. Por um entendimento equivocado, ou mal intencionado, de suas ideias, então expostas para determinados círculos de cristãos, Inácio foi denunciado e levado ao tribunal da Inquisição, sendo submetido a três processos. Nada de grave foi encontrado contra ele, mas foi sentenciado a não falar mais “coisas de fé” por quatro anos, “pois não sabia letras” (Loyola, *Reminiscences*: 43).

E de fato apenas essa razão, “a de não ter estudado”, era levantada como justificativa para a condenação.

Inácio deixou a cidade, no entanto, e dirigiu-se a Salamanca. Ali, seu confessor, um dominicano, con-



vidou-o a uma reunião com os frades, que, em comissão, perguntaram o que pregava. Inácio explicou o trabalho dos *Exercícios*, e como tratava de temas centrais da espiritualidade católica. Após ouvi-lo, um dos frades, incomodado, lhe repetiu: “Vós não sois letRADos...” (Loyola, *Reminiscences*: 44). Diante das reticências de Inácio em continuar a conversa, ele e seu companheiro, Calixto de Sá, foram então detidos e depois feitos prisioneiros. A sentença, mais uma vez, foi-lhes parcialmente favorável. No entanto, estavam novamente proibidos de tratar de certos assuntos, principalmente trabalhar a distinção de pecado venial de pecado mortal. Só poderiam retornar ao assunto “quatro anos depois”, quando “tivessem estudado mais” (Loyola, *Reminiscences*: 47). Assim, após muita reflexão, e, quem sabe, levando em consideração o que diria depois, ou seja, que “Deus nos conduz por dois caminhos: um, desconhecido porque oculto, ele mesmo nos mostra; o outro, ele permi-

te que nos seja mostrado pelos homens” (*apud* Havanesi: 58), “determinou-se ir estudar para Paris”. “Muitas pessoas principais instaram com ele grandemente para que não fosse, mas não o conseguiram demover da sua ideia” (Loyola, *Reminiscences*: 47). E assim, em janeiro de 1528, “partiu para Paris,

a Companhia de Jesus recebeu sua bula de confirmação.

A avaliação de Santo Inácio sobre todos esses acontecimentos mostra como seu esforço de discernimento permitia entender que no estudo estava um caminho imprescindível para realizar a missão que entendia ser sua. Obedecer a Igreja não era um movimento deflagrado pelo medo, mas sim pelo amor, por ver, na insistência permanente no assunto, uma mensagem mais profunda de Deus, mostrada pelos homens.

Obedecer a Igreja não era um movimento deflagrado pelo medo, mas sim pelo amor, por ver, na insistência permanente no assunto, uma mensagem mais profunda de Deus, mostrada pelos homens.

sozinho e a pé” onde chegou “pelo mês de Fevereiro, pouco mais ou menos” (Loyola, *Reminiscences*: 49), onde foi estudar na Universidade de Paris, o mais relevante dos centros de estudo de seu tempo. Inácio tornou-se *Mestre da Universidade de Paris* em 1534 (Hughes: 441). Em 1540

este era um caminho agregador, fortalecedor, que demonstrava que, pela boca dos inquisidores, diante da qual Inácio era tão aberto e franco quanto cauteloso e obscuro, falava também, em alguns momentos, a voz de Deus.

III

O valor do processo educacional é, assim, evidente na peregrinação de Inácio, e, considerando suas reminiscências, o tema persegue suas ações como um permanente chamado, cujo sentido só surgiu à sua consciência ao longo de muito discernimento sobre o teor dos inquéritos aos quais era submetido. Assim, por entender esse mecanismo central como extremamente relevante para o *bem comum* e para o caminho da Redenção, um falar divino que emergia da Igreja (por seus inquisidores, pela Universidade de Alcalá, pela Universidade de Paris e outros centros de ensino),

Santo Inácio entendeu que esse era um elemento essencial do trabalho missionário.

Thomas Hugues defendeu que a Companhia de Jesus viu-se, após a sua criação, na contingência de ocupar um espaço que não era ocupado de forma competente pelo sistema educacional católico de seu tempo (Hughes: 215). E, de fato, é provável que Santo Inácio tenha sido um dos primeiros que, no limiar da modernidade, entendeu a profundidade do tema. Por sua própria experiência, pôde avaliar as limitações de um sistema educacional que apresentava desfuncionalidades, principalmente nos mecanismos de acesso institucional e nas perspectivas pedagógicas. Observemos que Inácio comenta muito, em suas *Reminiscências*, sobre as dificuldades financeiras que envolviam o ensino de então, e a necessidade permanente de recorrer a relações pessoais para subsídios, nem sempre suficientes. Além do mais, a emergência de novas perspectivas de entendimento

do mundo, dentre as quais os próprios *Exercícios* eram representação, exigiam mecanismos mais ordenados, racionais e objetivos de organização do sistema educacional.

Em 1548 foi fundada a primeira escola jesuítica, diríamos hoje secundária, em Messina, na Sicília. Santo Inácio aprovou o seu desenvolvimento, e fez questão que essa escola deveria ser “para todos, pobres e ricos” (*apud* Traub: 39). Deveria, além do mais, ter um sistema ordenado de turmas e um currículo bem organizado do ponto de vista da separação entre disciplinas e com um escopo claro no sentido de ajudar as pessoas no seu caminho de Redenção, ou no sentido da construção de uma sociedade voltada na direção do Bem. Thomas Hughes sustentou que “o sistema de Inácio de Loyola prescreve uma educação que é pública... pública como oposta ao tutorismo privado, pública, porque buscando a suficiência do exercício aberto e destemido tanto da moralida-

de prática quanto da religião” (Hughes: 1262). É interessante que Santo Inácio tivesse aqui a percepção da importância do papel do sistema educacional não apenas no sentido de for-

princípios de moralidade afeitos ao que entendia serem adequados aos planos de Deus. Nesse sentido, no limiar de uma sociedade de massas, Santo Inácio lançava os fundamentos de um

po. Quando da morte de Santo Inácio, em 1556, já existiam cerca de 35 escolas da Companhia de Jesus e esse número se ampliaria nos anos seguintes, com crescente aprimoramento da excelência pedagógica.

O mesmo pode-se dizer do sistema universitário inaciano. Muito se tem estudado atualmente sobre “os jesuítas e o lado silencioso da revolução científica” (Caruana: 248), isto é, a maneira como, dentro do sistema universitário jesuítico, avançaram os estudos de ciências e matemática. Naqueles primeiros momentos da ação acadêmica jesuítica são notáveis, nessa área, os esforços concentrados no *Collegio Romano*, fundado por Santo Inácio, em 1551, a partir da pioneira instalação de uma cadeira de Matemática, em 1553, e a posterior ascensão a ela do Pe. Cristovam Clavius S.J. (1538-1612) em 1563 (Baldini: 51).

Naquele momento em que a discussão cosmológica assumia uma dimensão crescentemente política (pois o sistema de helio-



mar teólogos, ou profissionais, mas também no de formar seres humanos, aptos a atuar na sociedade de forma independente, autônoma, mas atentando a

sistema de educação capaz de sustentar uma comunidade de indivíduos com iniciativa, mas que não se perdião no pluralismo fragmentador do seu tem-

cêntrico de Copérnico tinha implicações amplas sobre o entendimento do mundo, principalmente sobre as relações de poder entre os homens), a *Academia de Clavius* foi um núcleo de pesquisa sensato, voltado a um consistente desenvolvimento da matemática e das medições astronômicas aplicadas.

Foi o Pe. Clavius, dando continuidade ao relatório de Aloysius Lilius (ca. 1510 – 1576), quem forneceu os decisivos elementos para que fosse realizada a reforma do calendário ainda hoje em vigor no mundo, promulgado em 1582 pelo Papa Gregório XIII. Entre seus alunos mais notáveis, estava o jesuíta Mateo Ricci e, entre seus amigos, Galileu Galilei. Clavius conheceu Galileu em 1587 e forneceu a ele muito material de estudo (Wallace: 103).

Embora o astrônomo jesuítico tenha se oposto ao sistema copernicano, ele tinha muitas dúvidas sobre o que ocorria de fato, principalmente após a estrela *nova* de 1572 e o cometa de 1577, eventos que demonstravam a

mutabilidade dos céus. Clavius tendeu a aceitar a tese híbrida de Tycho Brahe, que preservava a imobilidade da Terra, mas afirmava que os planetas giravam em torno do sol, o que em si implicava num significativo afastamento do aristotelismo (Grant: 136). As proibições da Igreja no tratamento do tema impediram o desenvolvimento de pesquisas específicas no campo. Mas os jesuítas, preocupados sempre em conhecer, nunca deixaram de debater a tese da *fluides do céu*, pesquisa possível e necessária, advinda da observação do mundo (Grant: 146). E, onde não era proibido, os jesuítas avançaram decisivamente a uma excelência que transparecia na capacidade de lidar com engenharia e processos complexos de gestão. Absolutamente imbuídos da capacidade de discernir.

A vida de Inácio é uma vida exemplar, padrão e referência

para um projeto de ser que se institui como viável no mundo moderno. Viver no olhar para dentro, buscando uma religiosidade individual poderosa, fortalecedora do ser, entranhada no reconhecimento do divino, na percepção de suas dimensões agregadoras, e na necessidade de afastar o mal, a desagregação, o Inferno, ou tudo aquilo que distancia o ser de sua essência, de sua natureza, e de sua capacidade de dialogar com Deus. Viver no olhar para fora, e descobrir, no mundo, as falas de Deus, suas orientações, seu encaminhamento agregador, trabalhando intelectualmente para descartar tudo aquilo que é desqualificador, separador, adversário, que afasta o humano do humano. Viver, interna, e externamente, uma vida de discernimento e de busca da plenitude. Ser alguém que, sendo individual, volta-se, no entanto, para o bem do todo. Tal vida contém um desafio que exige uma capacidade crescente de compreensão, que só pode ser alcançada, entre outros mecanismos, pelo permanente estudo dos

processos pelos quais pode-se entender a realidade dos mundos: tanto o interno quanto o externo.

Projetando a vida exemplar de Inácio para o mundo, a realidade de um sistema de ensino humanista tornou-se representação institucional de um carisma próprio, repartido entre muitos em benefício de todos. A batalha política no âmbito do sistema educacional cedo colocou esse modelo em conflito com outros, que eram bem mais agressivos no movimento de declinar as consequências políticas do conhecimento e propiciar por elas a ascensão de novos grupos políticos e promover transformações institucionais maiores. A verdade é que o estudo jesuítico desenvolveu-se de forma muito consistente na direção do Saber, sem romper, no entanto, com a rede moral e religiosa da Igreja, já que sempre tinha em mente *Ad Maiores Dei Gloriam*.

Não há dúvida, no entanto, que para Santo Inácio a educação formal, regrada, institucionalizada, realizada com ciência

e compromisso, era um pilar fundamental para o amadurecimento do ser humano. Para a sua existência autônoma num mundo de infinitos movimentos de desagregação.

Pensadores iluministas do século XVIII e educadores posteriores, secularizaram essa proposição e procuraram atar os homens ao Estado laico ou aos seus próprios interesses privados, desprovidos de moralidade ou imersos em novas proposições morais, seculares. A experiência de Santo Inácio, no entanto, continua presente tanto nas maiores preocupações dos educadores quanto naqueles que se deslocam neste mundo tentando encontrar um sentido maior, coletivo e espiritual, para sua existência: ao estudar nos entendemos melhor e melhor entendemos o mundo, e maior pertinência temos em novas atividades sociais em prol de todos. Com maior discernimento somos capazes de nos aproximar, de forma crescente e pertinente, da essência das coisas. E, misteriosamente, caminhamos juntos com Santo Inácio. □

Fontes e Bibliografia:

- BALDINI, Ugo. The Academy of Mathematics of the Collegio Romano from 1553 to 1612. In: FEINGOLD, Mordechai. *Jesuit Science and the Republic of Letters*. Cambridge: MIT Press, 2003.
- CARUANA, Louis. The Jesuits and the quiet side of the scientific revolution. In: WORCESTER, Thomas. *The Cambridge Companion to the Jesuits*. Cambridge: Cambridge, 2008.
- GRANT, Edward. The Partial Transformation of Medieval Cosmology by Jesuits in the Sixteenth and Seventeenth Centuries. In: FEINGOLD, Mordechai. *Jesuit Science and the Republic of Letters*. Cambridge: MIT Press, 2003.
- GRAY, Howard S.J. The Ignatian Mission: Lay and Jesuit Companions on the Journey. In TRAUB, George W. S.J. *A Jesuit Education Reader*. Chicago: Loyola Press, 2008.
- HAVANESI, Gabriel. *Thoughts of St Ignatius Loyola*. New York: Fordham, 2006.
- HUGHES, Thomas S.J. *Loyola and the Educational System of the Jesuits*. Bibliolife, 2009.
- LOYOLA, Saint Ignatius. Reminiscences. In: *Personal Writings*. London: Penguin, 1996.
- LOYOLA, Saint Ignatius. *The Spiritual Diary*. In: *Personal Writings*. London: Penguin, 1996.
- LOYOLA, Saint Ignatius. 1536, *Letter to Teresa Rejadel*. In: *Personal Writings*. London: Penguin, 1996.
- LOYOLA, Santo Inácio. *Exercícios Espirituais*. Petrópolis: Vozes, 1959.
- HOMZA, Luann. *The religious milieu of the young Ignatius*. In: WORCESTER, Thomas. *The Cambridge Companion to the Jesuits*. Cambridge: Cambridge, 2008.
- TRAUB, George W. S.J. *A Jesuit Education Reader*. Chicago: Loyola Press, 2008.
- WALLACE, William A. Galileo's Jesuit Connections and Their Influence on His Science. In: FEINGOLD, Mordechai. *Jesuit Science and the Republic of Letters*. Cambridge: MIT Press, 2003.

NOVAS FRONTEIRAS DA EDUCAÇÃO À LUZ DO PLANO APOSTÓLICO DOS JESUÍTAS DO BRASIL

Alocução do Padre Provincial da Província do Brasil Centro-Leste na visita à Fundação Educacional Inaciana, em setembro de 2014.

É sempre uma alegria e uma honra muito grande poder estar aqui presente com vocês, lideranças acadêmicas, professores e funcionários administrativos, representantes, enfim, da FEI. Esta visita ganha um especial significado para mim, por ser a última que realizo como Provincial, uma vez que estamos a dois passos da ereção da Província única do Brasil. Digo isso, porque encarar o desafio de ser uma Província única num país tão imenso como nosso, só pode ser por uma causa maior, em benefício da realização da missão, como corpo apostólico, para superar a falta

de profundidade e criatividade na realização dessa missão, para sermos enviados por Deus com renovado impulso e fervor.

A profundidade de nosso apostolado no mundo, a serviço do Reino de Deus e de sua justiça, depende da compreensão que temos da realidade à qual o Senhor nos envia, para cuidar e servir melhor, em busca do bem mais universal.

A Companhia de Jesus no Brasil decidiu encarar, para isso,

“Nossas diversas culturas regionais, enriquecidas por uma nova cultura digital, são impulsionadas à criação de vínculos diversos, à participação de redes e ao imperativo da conexão.**”**



Pe. Mieczysław Smyda, S.J.

Provincial da Província do Brasil Centro-Leste



algumas fronteiras que nos desafiam e mobilizam, trazendo-nos questões que não podemos eludir. São as fronteiras da cultura científico-tecnológica; da experiência da fé; a fronteira social, econômica e política; a fronteira da ecologia; e a fronteira dos pobres como sinal permanente.

Nesta minha fala, gostaria de abordar uma única fronteira: a da cultura tecnocientífica.

A fronteira da cultura científico-tecnológica

A primeira das fronteiras incide exatamente nas áreas que inserem este Centro Universitário no rol das melhores instituições de ensino superior do país, como a da Administração, da Ciência da Computação e da Engenharia. Trata-se, como fica patente, da fronteira da cultura científico-tecnológica.

Em nosso Plano Apostólico se faz referência aos avanços proporcionados por esta nova racionalidade científico-tecnológica, “principalmente nas áreas da

educação, da saúde, das tecnologias da informação e do bem-estar humano. Nossas diversas culturas regionais, enriquecidas por uma nova cultura digital, são impulsionadas à criação de vínculos diversos, à participação de redes e ao imperativo da conexão”.

Não por acaso, mencionamos

“A gigantesca produção de bens materiais e simbólicos, que inundam a vida das pessoas e sobrecregam o mercado de consumo com ofertas cada vez mais desconcertantes, provoca também uma perda do horizonte simbólico dos valores espirituais que deram sentido ao Ocidente.”

a cultura da tecno ciência para implicar a dimensão ética que lhe é subjacente, como instância que produz valores e determina os rumos da convivência humana e o destino das sociedades.

O surgimento das novas tecnologias estão dando ao ser humano uma tal concentração de poder, que hoje ameaça superar a relação natureza-cultura, tão analisada pela Antropologia Social, para ceder cada vez mais lugar à relação homem-máquina. Não se trata, evidentemente, da máquina da Primeira Revolução Industrial – da máquina-ferramenta –, mas da máquina de alta tecnologia que se incorpora ao humano, pelas próteses, pelos implantes, pela robótica e que atinge o claustro das células, por meio da nanotecnologia. A nova relação homem-máquina não é meramente instrumental, como era a relação entre o torneiro e seu torno mecânico. Ela cria e redefine o lugar do ser humano e sua identidade, submetido que está ao controle da tecno ciência.

A revolução tecnológica em curso, baseada nas Tecnologias da Informação e da Comunicação, causa uma verdadeira mutação social, econômica e ético-cultural, para usarmos a analogia da biologia, quando surge

uma nova espécie. A gigantesca produção de bens materiais e simbólicos, que inundam a vida das pessoas e sobrecarregam o mercado de consumo com ofertas cada vez mais desconcertantes, provoca também uma perda do horizonte simbólico dos valores espirituais que deram sentido ao Ocidente.

A distinção ou oposição entre bem e mal; a primazia dos bens do espírito, sem os quais o ser humano não se humaniza; a aceitação do caráter normativo e da ordem hierárquica dos bens. A civilização no Ocidente se organizou em torno de duas dimensões que polarizaram o sentido da vida social e da ética, a saber, de Deus e do transcendente; e do sumo Bem, em oposição aos bens menores.

Percebe-se que há uma falência do sentido ou dos sentidos para a existência e convivência humanas. Há um verdadeiro vazio ético. As referências tradicionais e as normas de obrigação se dissipam no ar. Os valores superiores não

encontram um fundamento na cultura, pela perda das bases habituais, religiosas e metafísicas.

A perda dos maiores referenciais favorece o surgimento de uma cultura da corrupção e de uma “cultura da morte”, como falava o Papa João Paulo II. Há uma violência gratuita, bruta, cada vez mais presente na vida cotidiana e tão presente nos meios de comunicação. Há cada vez mais pontos de conflito e de guerra espalhados pelo mundo, junto com o crime organizado, o mercado de drogas e de armas,

além do tráfico humano.

A perda da consciência do sujeito, o seu desenraizamento dos sentidos que pautavam a convivência humana, leva-o para a difusão e uso das drogas. As populações se aglomeram nas grandes cidades, mas em que todos buscam viver para si, pensando nos seus próprios interesses. As megalópoles são, na sua maior parte, o lugar da solidão. Há uma busca de levar



vantagem, sempre; o indivíduo buscando sua própria realização e bem-estar acima de tudo. Ter sucesso, triunfar na vida, segundo a lógica do “simulacro”, de que é mais importante parecer do que ser.

As sociedades industrializadas, alicerçadas na tecnociência e voltadas para o mercado, fazem de toda a sociedade um “sistema produtor de mercadoria”, segundo a hegemonia da “razão instrumental”. A cultura das sociedades de consumo reduz a pessoa humana à condição de consumidor de bens e serviços, fortalecendo o triunfo do individualismo e da cultura do narcisismo, do hedonismo, gerando grande passividade diante do destino da esfera pública e um descrédito crescente na classe política.

Vivemos tempos de abundância de riquezas, não mais de escassez, sem que haja a sua correspondente distribuição material. Nunca a riqueza produzida no mundo esteve tão concentrada nas mãos de poucas famílias, dando-lhes poder cada vez mais sem limites; nunca, também, a

desigualdade entre ricos e pobres se agravou em todo o planeta.

Diante de desafios desse porte, a Companhia de Jesus se pergunta o que Deus quer que nós façamos e sejamos, segundo a ordem e os princípios do amor, como Jesus nos ensinou no Evangelho, e da pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus, chamada que está a ser sujeito na história humana, construtora de relações de igualdade, respeito pelas diferenças, e desenvolvedora da “cultura da paz”. Essa pergunta pode ser feita a vocês, do Centro Universitário da FEI, quando se coloca em foco a questão da educação, como nos propõe o tema desse encontro.

Papel da Educação a serviço de uma “razão sapiencial”

Interessante prestarmos atenção no significado das palavras. “Educação” vem do verbo latino *educare*, composto por *ex*, “fora”, e *ducere*, “guiar, conduzir, liderar”. Podemos bem entender que a educação deve ser conce-

bida como arte e como técnica de levar uma pessoa para fora de si mesma, para mostrar o que mais existe além dela mesma.

Desde a maiêutica de Sócrates, filho de parteira, educar era principalmente extrair o saber já presente, para fazer do educando um aprendiz do exercício de saber pensar. Portanto, uma dimensão fundamental da educação é a de ensinar a arte e a técnica de saber pensar. Esse saber pensar não diz respeito, primeiro, ao saber-fazer próprio da tecnociência. Trata-se do saber-pensar que coloca as questões fundamentais para o ser humano, e que fundamentam o sentido da história: quem é o homem, de onde vem, para onde vai?

Em seu discurso proferido pela ocasião dos 125 anos da Universidade de Deusto, em Bilbao, no país basco, exatamente em 9 de setembro de 2011, o nosso Pe. Geral A. Nicolás dizia que “uma educação puramente científico-técnica e racional não basta: se não desenvolvemos algum tipo de revolução espiritual que possa

nos manter no mesmo nível que o nosso gênio tecnológico, é muito improvável que se obtenha um progresso humano real”¹.

Este Centro Universitário está, seguramente, a poucos passos de se tornar uma Universidade. Mas terá sua vocação universitária reduzida à “razão empírico-instrumental” ou se colocará no seu horizonte mais amplo, para fazer a diferença, de ser uma instância pautada pela e na “razão sapiencial” de que nos falava Pe. Nicolás no discurso citado?

Não por acaso, Pe. Nicolás arriscara a tradução do sentido de sabedoria como “um conhecimento superior, abarcante, profundo e transformador. E não apenas um conhecimento científico: um saber sobre algo, senão um conhecimento que leva a pessoa a situar-se na atitude de busca permanente diante das grandes indagações e, mais ainda, que leva a pessoa a situar-se à empatia, à compaixão diante de qual-

quer ser humano e a uma atitude de respeito pela natureza como dom e, mais ainda, ao princípio inaciano de buscar e encontrar a Deus em todas as coisas”.

Pois não estaria aí, na sua vocação de se converter em uma Universidade, a oportunidade desta instituição de ensino superior abrir-se a um debate amplo, por meio da Ética, das Ciências Humanas e das Ciências Sociais, para dar-lhe uma contribuição específica e criadora? Que se proponha debater o papel da tecnociência a partir da discussão mais ampla acerca do homem e da sociedade humana?

Para isso, como Pe. Nicolás observava em Deusto, será preciso também aqui promover o equilíbrio entre as disciplinas científicas, técnicas e humanas, além do equilíbrio entre a busca do conhecimento e atendimento às demandas do mercado. Será preciso também conseguir que o conhecimento seja transformador e que se fomente

na academia, na sociedade e na opinião pública aqueles princípios éticos que são irrenunciáveis. Além de promover a escuta e o diálogo intercultural e interreligioso, a busca da “razão sapiencial” terá de favorecer as dimensões mais profundas do ser humano e do sentido da transcendência: a verdade, a bondade e a beleza.

No início, fazíamos menção à maiêutica socrática, do ensinar a fazer a pensar. Para Pe. Nicolás, é o que implica aplicar modelos de ensino-aprendizagem que fomentem o pensamento autônomo e profundo, e ajudem a extrair o verdadeiro conhecimento diante da avalanche de informação a que estamos submetidos.

Se fizermos esse diálogo em busca da “razão sapiencial”, não poderemos nos municiar apenas de conhecimento, mas de saber e trocas de saberes para tornar realidade outro mundo possível, pautado pela igualdade, pela fraternidade, pela justiça e pela cultura da paz. □

1. O discurso aqui referido foi publicado no número 14 dos *Cadernos da FEI*, em janeiro de 2012 (p. 50-57), com o título “A Missão de uma Universidade Jesuíta” (Nota do Editor).

NOVA ESTRUTURA DA COMPANHIA NO BRASIL

A 35^a Congregação Geral da Companhia de Jesus, que se reuniu em 2001, além dos decretos aprovados, deixou ao Padre Adolfo Nicolás, Superior Geral, algumas questões para estudo e aprofundamento. Entre elas, a necessidade de se fazer uma revisão no esquema de governo diante dos desafios externos e internos que a Companhia estava enfrentando. A situação do mundo e da Igreja atual é bem diferente da época em que Santo Inácio redigiu as Constituições que os jesuítas seguem até hoje. São outros desafios, novas questões a motivar as novas linhas da missão.

Diante de tantas mudanças, uma das recomendações da CG 35 refere-se à revisão das estruturas de governo para corresponder à missão, oferecendo

um serviço de melhor qualidade à Igreja e ao mundo, de acordo com o objetivo com que a Companhia de Jesus foi fundada.

O Padre Nicolás confiou essa questão a um grupo de trabalho cujas conclusões o levaram, em setembro de 2011, a iniciar a elaboração de um plano de renovação, com as diretrizes apresentadas no documento *‘A renovação das estruturas provinciais a serviço da Missão’*.

O problema não estava na estrutura concebida por Santo Inácio, descrito nas Constituições: um Superior Geral, superiores provinciais e locais. O esquema implantado por ele fora

“A situação do mundo e da Igreja atual é bem diferente da época em que Santo Inácio redigiu as Constituições que os jesuítas seguem até hoje. São outros desafios, novas questões a motivar as novas linhas da missão.”



Pe. Paulo D'Elboux, S.J.
Assistente Religioso
da FEI



mantido, inclusive na Companhia restaurada.

No entanto, a relação vertical, monárquica, com a autoridade centralizada em Roma, não correspondia ao dinamismo e rapidez da comunicação e às exigências de planejamentos integrados.

Em seu documento, o Padre Geral tinha objetivo apostólico pragmático: orientar os Provinciais e Superiores a envolver os jesuítas em um processo que levasse ao consenso de uma forma de gestão mais adequada à missão da Companhia na Igreja.

Essa busca teria, como consequência, a necessidade de aprofundamento da identidade da Companhia, qual o rosto com que deveria apresentar-se.

Santo Inácio e os primeiros companheiros formavam um grupo com pessoas de diferentes países e culturas. Vivenciaram o impacto da diversidade de situações e dos conflitos históricos. Tinham consciência de que era necessário que se unissem, formassem um corpo, convencidos

de que Deus é quem os havia unido numa mesma vocação.

A Companhia precisava revitalizar esse sentido da vocação comum para uma missão, objetivo mais importante do que outros condicionamentos.

No Brasil, a partir de 2011, cada Provincial assumiu a tare-

“A implantação de um novo modelo supunha a necessidade de um projeto comum que motivasse a integração de jesuítas e leigos: um Plano Apostólico Nacional.”

fa de elaborar o projeto de reestruturação e ajustá-lo a uma dimensão nacional.

Cada frente apresentava muitos desafios, a começar pela própria extensão territorial. O quadro é complexo. São seis instituições de Ensino Superior; doze colégios; a rede Fé e Alegria de

Educação Popular; Centros de Pastoral de Juventude; Centro de Espiritualidade e Casas de Retiro; paróquias, gráfica...

Mais complexa ainda, a parte administrativa. São várias mantenedoras que dão suporte à manutenção de obras e comunidades, de acordo com as exigências legais de pessoas jurídicas.

As comunidades estão cada vez com menos jesuítas. É grande o número de idosos e muito reduzido o ingresso de novos membros. É preciso buscar soluções a curto e longo prazo em razão do número de obras e da formação dos leigos colaboradores como parceiros e responsáveis pela missão.

A implantação de um novo modelo supunha a necessidade de um projeto comum que motivasse a integração de jesuítas e leigos: um Plano Apostólico Nacional.

Por isso, paralelamente ao planejamento das estruturas, desenvolveu-se um grande trabalho entre os setores, áreas e comunidades, para que fossem determinadas as prioridades a serem

assumidas pela Companhia em vista à integração: quais as grandes linhas de ação apostólica.

As contribuições comunitárias debatidas em assembleias provinciais foram definidas na Assembleia Geral realizada em Itaici, no mês de agosto de 2014, com a participação de jesuítas de todo Brasil. Foram selecionados:

1. A cultura científico-tecnológica: mudanças de paradigmas de conhecimento e tecnologia digital. Lógica do consumo e da relativização da verdade em relação à transcendência.

2. A experiência da fé: são muitas as manifestações de crenças, a cultura de religiosidade popular baseada na busca de superações de problemas existenciais.

3. A realidade social, econômica e política: o crescimento econômico favoreceu a melhoria das classes populares, a maturidade da democracia, consciência política a partir da cidadania. Percep-

ção das desigualdades sociais, a discriminação, a corrupção.

4. A ecologia: consciência da proteção e valorização do meio ambiente, dos crimes contra a natureza, a preservação da vida em todas as dimensões.

5. A justiça social: explicitada na opção preferencial pelos pobres pela conscientização das injustiças institucionais em especial para as minorias, migrantes, mulheres, crianças: a violência.

Diante de tantas questões e desafios, foram definidas algumas prioridades que devem estar presentes em toda obra e atividade. Foram escolhidas como prioridades:

1. Partilha da espiritualidade inaciana como experiência transformadora da fé.

2. Preocupação com as desigualdades sociais e suas consequências.

3. Formação da juventude: projeto de vida pessoal e serviço aos outros.

Em novembro de 2014, che-

gou-se ao resultado final aprovado pelo Padre Adolfo Nicolás, redesenhando a estrutura da Companhia no Brasil em única Província composta de sete Plataformas, conforme as regiões geográficas do país. São Paulo, juntamente com o sul de Minas Gerais e o Paraná, fazem parte da Plataforma Sul-1.

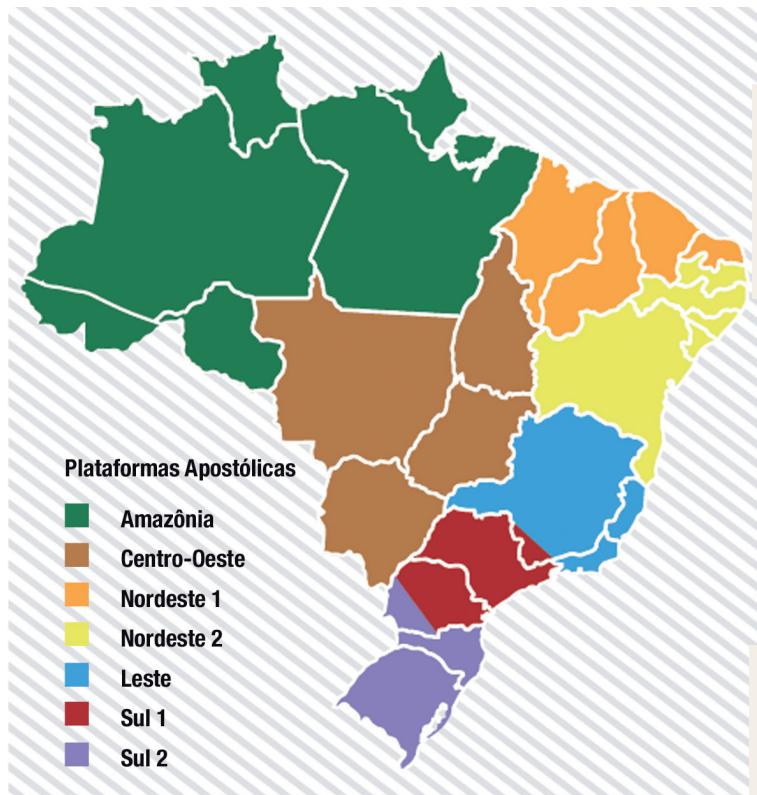
Cada Plataforma é concebida como uma comunidade formada de residências e seu Superior é membro da equipe de governo do Provincial, exercendo a autoridade com poder delegado.

Os setores ou áreas de obras apostólicas e administrativas são confiados a Delegados Nacionais que também compõem o conselho do Provincial.

No dia 16 de novembro, festa dos Mártires Rio-Grandenses, o Padre Geral pessoalmente, esteve no Rio de Janeiro para promulgar a constituição da *Província do Brasil* com a posse do Primeiro Provincial, Padre João Renato Eidt, e dos membros da equipe de governo.

Tudo para a maior glória de Deus! □

A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL



Padre João Renato Eidt é natural de Itapiranga, SC, e tem 51 anos. Além da formação própria da Companhia, fez mestrado em Counseling, na Loyola University, em Chicago. Exerce o cargo de Reitor do Teologado das Faculdades dos Jesuítas – FAJE, em Belo Horizonte.



Para a Plataforma Sul-1, à qual pertencemos, foi nomeado, o Padre Vicente Palotti Zorzo, 49 anos, natural de Cerro Largo, RS. É formado em Pedagogia, trabalhou no Colégio Anchieta de Porto Alegre. Foi missionário em Moçambique e Reitor da Faculdade de Teologia da FAJE. Era Provincial da Província do Sul.

A MISSÃO UNIVERSITÁRIA NASCE DO CORAÇÃO DA IGREJA, PULSA NO SEIO NO MUNDO

Palestra feita na Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em janeiro de 2014, por ocasião dos 25 anos da Constituição Apostólica "Ex Corde Ecclesiae".

Depois da Constituição Apostólica *Sapientia Cristiana* (1979), escrita para as “universidades e faculdades eclesiásticas”, o Papa João Paulo II percebeu a necessidade de escrever uma Constituição Apostólica análoga, desta feita específica para as instituições universitárias católicas, a título de “referência”, como uma “carta magna” (ECE, 8). Assim, em 1990, depois de um longo processo envolvendo a participação das universidades, foi publicada a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*

(ECE): “nascida do coração da Igreja”, a universidade católica define sua identidade e missão no seio das sociedades humanas. Ao celebrar 25 anos, esse texto deve ser revisitado e interpretado: ele nos servirá de referência na presente reflexão¹.

Enquanto a primeira parte do documento trata da “identidade e missão” de forma mais

“A missão fundamental de uma universidade é a procura contínua da verdade, a conservação e a comunicação do saber para o bem da sociedade.



Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S.J.
Reitor da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)



inspiradora (baseadas no Concílio Vaticano II e na grande tradição), a segunda parte propõe “normas gerais” (baseadas no Direito Canônico, Art. 1, 1). Na primeira parte, por sua vez, há dois temas didaticamente distintos, embora indissociáveis: a identidade (n. 12-29) e a missão (30 a 49). Trataremos mais especificamente, da missão, na qual está inserida a atividade pastoral (n. 38-42), depois de fazer breve alusão à identidade.

Da Identidade

“Nascida do coração da Igreja, a origem da universidade católica (UC) confunde-se com o próprio surgimento da universidade como tal” (ECE, 1). Enquanto “universidade”, “a UC é uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e o desenvolvimento da dignidade humana, como também para a

herança cultural, mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços prestados às comunidades locais, nacionais e internacionais” (ECE, 12).

Enquanto “católica”, a universidade deve possuir as seguintes *características*: inspiração cristã

“Nascida do coração da Igreja, a origem da universidade católica (UC) confunde-se com o próprio surgimento da universidade como tal” (ECE, 1).

dos indivíduos e de toda a comunidade; reflexão incessante sobre o tesouro crescente do conhecimento humano; fidelidade à mensagem cristã tal como é apresentada pela Igreja; empenho institucional para servir ao povo de Deus e à família huma-

na na busca do sentido transcendente da vida (ECE, 13).

No Brasil, país de povo religioso e Estado laico, dois aspectos principais surgem como desafios e oportunidades à identidade de uma universidade católica: primeiro, o conceito tripartite de toda universidade, cuja articulação de ensino, pesquisa e extensão tornou-se um diferencial de nossas UC; em segundo lugar, a natureza comunitária de nossas instituições (nem pública estatal nem privada particular, por mais desafiantes que sejam) coloca nossas UC em uma situação de serviço às comunidades, bem como uma possibilidade de consolidação da própria comunidade universitária².

Da missão em geral, da pastoral em particular

“A missão fundamental de uma universidade é a procura contínua da verdade, a conser-

1. *Universidades Católicas*. Constituição Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II. São Paulo, Paulinas, 1990. Usaremos a abreviação ECE, seguida do número de referência, nas seguintes referências a este documento.

2. Documento de Aparecida, *op. cit.*, n. 342.

vação e a comunicação do saber para o bem da sociedade. A universidade católica participa dessa missão com o contributo das características e finalidades específicas”³. De entrada, a definição da missão das universidades católicas é afirmada como “participação” da missão geral de toda universidade, visando ao bem da sociedade, mediante os saberes em sua universalidade. E dentro dessa missão “fundamental”, a universidade católica marcará sua especificidade em quatro aspectos principais: serviço à Igreja e à sociedade (31-37); pastoral universitária (38-42); diálogo com a cultura (43-47) e evangelização (48-49).

Estruturalmente, a missão cristã é afirmada primeiramente como “serviço” à Igreja e à sociedade, concluindo-se com um tema também amplo, a “evangelização”. Mas, enquanto serviço e evangelização estão no horizonte amplo da missão, duas “atividades” (cf. ECE, 38 e

43) figuram como específicas: a pastoral e o diálogo com a cultura. Enquanto a pastoral está mais voltada para a comunidade universitária *ad intra* (ECE, 38), o diálogo cultural é uma “ponte” da universidade com a sociedade e, igualmente, das ciências com “qualquer cultura” (ECE, 43), acentuando-se, portanto a dimensão *ad extra*. Essa abertura é própria de “toda universidade”, enquanto a universidade católica “participa desse processo oferecendo a rica experiência cultural da Igreja” (ECE, 43).

Serviço à Igreja em Sociedade

O serviço caracteriza, portanto, a missão principal da universidade católica em relação à Igreja e à sociedade. Mais que separar esses dois âmbitos, importa explicitá-los para melhor perceber o alcance e distinguir a relação diferenciada com uma e outra. Em relação à Igreja, o serviço prestado “mediante o ensino e a investigação” é uma contribuição “indispensável”

porque “prepara homens e mulheres para assumir, em sua vocação cristã” e “lugares de responsabilidade na Igreja”, e também, porque, graças aos resultados das investigações, “a universidade poderá ajudar a Igreja a responder aos problemas e exigências do tempo” (ECE, 31).

Mas, como qualquer outra, “a universidade católica está inserida na sociedade humana” (ECE, 32). Por um lado, “ela é um instrumento, cada vez mais eficaz, de progresso cultural, quer para os indivíduos quer para a sociedade” (ECE, 31); por outro, a universidade católica com a “autonomia institucional e liberdade acadêmica” (ECE, 37) que lhes são próprias, “deverá ter a coragem de proclamar verdades incômodas que não lisonjeiam a opinião pública”, mas são “necessárias para salvaguardar o autêntico bem da sociedade” (ECE, 32).

Nesse passo, as atividades de “investigação” – acrescente se ensino e extensão – devem incluir o “estudo dos graves problemas

3. ECE, 30. Grifo nosso.

contemporâneos”, tais como “a dignidade da vida humana, a promoção da justiça para todos, a qualidade da vida pessoal e familiar, a proteção da natureza, a procura da paz e da estabilidade política, a repartição mais equânime das riquezas do mundo e uma nova ordem econômica e política que sirva melhor à comunidade humana, em nível nacional e internacional” (ECE, 32). Mais especificamente, cabe-rá à universidade católica

um “discernimento dos valores e das normas dominantes na sociedade e na cultura moderna”, assim como “a responsabilidade de comunicar à sociedade aqueles princípios éticos e religiosos que dão pleno significado à vida humana”. Sabemos que a forma de comunicar é tão importante quanto a mensagem; por

isso, importa atualizar linguagens e significações, com fidelidade criativa, para “dar razões de nossa esperança” para cada nova geração.

A “promoção da justiça social” – segundo o Evangelho e interpretado pela doutrina social da Igreja – e a “responsabilidade” da universidade católica – segundo os limites de suas



possibilidades – são destacados no âmbito da sociedade na qual está inserida, bem como na promoção de povos e nações em vias de desenvolvimento (ECE, 34).

A universidade católica deve promover a “cooperação dos saberes” na busca de respostas a tantos problemas complexos e, igualmente, a “cooperação em projetos comuns de investigação”, tanto em parceria com outras instituições públicas e privadas quanto através das redes nacionais e internacionais (ECE, 35), promovendo “a solidariedade na sociedade e no mundo” (ECE, 37). A menção feita à FIUC – Federação Internacional de Universidades Católicas – (ECE, 35) é uma bela oportunidade para recordar que a promoção da cooperação entre as universidades constitui o objetivo maior da Federação, conforme foi traduzido em metas e ações concretas em nosso novo Plano Estratégico (2013-2016). Sendo a maior rede de universidades, com mais de 210 instituições nos cinco continentes, a FIUC guar-

da um potencial muito maior do que tudo o que já fizemos. Em 2014, a melhor forma de celebrar a memória de 90 anos de fundação e honrar essa bela tradição será projetando-a para o futuro, segundo as exigências e oportunidades dos novos tempos.

dianas”, promovendo momentos de reflexão e oração, além da celebração dos sacramentos (ECE, 39). Por sua vez, cabe também à pastoral, *promover o respeito* que as comunidades acadêmicas devem *salvaguardar* daquelas pessoas que pertencem a outras igrejas ou religiões (ECE, 39).

Pastoral universitária: diálogo fé e vida

“A pastoral universitária é aquela *atividade* da universidade que oferece aos membros da própria *comunidade* a ocasião de *coordenar* o estudo acadêmico e as atividades para-acadêmicas, com os princípios religiosos e morais, *integrando*, assim, a *vida com a fé*” (ECE, 38).

Enquanto atividade integradora da vida acadêmica com a fé cristã, a pastoral realiza “a missão da Igreja na universidade”, de forma específica e explícita (ECE, 38). Enquanto atividade de “coordenação”, a pastoral colabora para que toda a comunidade universitária possa “encarnar a fé nas atividades coti-

Para além dos círculos da comunidade universitária, a pastoral deverá exortar professores e alunos a serem conscientes de sua *responsabilidade* em relação aos que mais *sofrem física e espiritualmente* (ECE, 40). Enfim, a atividade pastoral é indispensável e poderá contribuir para que os estudantes católicos estejam mais “preparados a participar ativamente na vida da Igreja” (ECE, 41), graças à competência profissional de qualidade e à formação profissional.

De certa forma, o documento é bastante discreto e até tímido em relação à atividade pastoral. Primeiro, porque a *Ex Corde Ecclesiae* se situa, forçosamente, no horizonte internacional, supondo diversos contextos. Segundo,

porque se trata de um documento de “referência” (ECE, 8), na perspectiva de uma orientação geral, deixando a cada universidade a criatividade de adaptação, conforme o seu próprio contexto social, eclesial, inter-religioso ou pertença a espiritualidades específicas (salesiana, marista, diocesana, jesuítica, etc.), expressando o rico patrimônio do catolicismo. Enfim, a Constituição Apostólica de João Paulo II não se fecha em um modelo de pastoral, abrindo o leque a experiências distintas e, portanto, suscitando a possibilidade de enriquecimentos de uns com as experiências de outros, em nome da uma catolicidade aberta ao sopro do Espírito: “em virtude dessa catolicidade cada uma das partes traz seus próprios dons as demais partes e a toda a Igreja⁴”.

Diálogo com a cultura em sua pluralidade

A UC, por um lado, “participa” do processo de promoção

da cultura, mediante o *ensino* (“transmissão às gerações sucessivas”), a *pesquisa* (“investigação”) e a *extensão* (“iniciativas culturais e serviços educativos”), “aberta a toda experiência humana” e “disposta ao diálogo e aprendizagem de qualquer cultura”; por

“Mais especificamente, caberá à universidade católica um “discernimento dos valores e das normas dominantes na sociedade e na cultura moderna”, assim como “a responsabilidade de comunicar à sociedade aqueles princípios éticos e religiosos que dão pleno significado à vida humana.”

4. Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, 13,3

outro lado, postula que a cultura humana deve estar aberta à Revelação e à transcendência, tornando-se assim um lugar privilegiado para o diálogo entre o Evangelho e a cultura (ECE, 43).

Nesse passo, a UC “assiste à Igreja” tanto no melhor “conhecimento das diversas culturas” e discernimento de seus aspectos positivos e negativos, quanto na tarefa de tornar a fé mais compreensível a determinadas culturas. Pois, se é verdade que o Evangelho não se identifica com uma cultura particular, da mesma forma, as pessoas estão ligadas a uma cultura e os elementos culturais são indispensáveis à construção do Reino (ECE, 44).

Por sua vez a UC “deve tornar-se cada vez mais atenta às culturas do mundo de hoje” e consciente das “várias tradições culturais existentes na Igreja”, de maneira a promover um contínuo diálogo entre o Evangelho e a sociedade de hoje (ECE, 45), sobretudo em vista de: discernir e avaliar as aspirações e tradições da cultura moderna (ECE, 45); defender as culturas tradicionais, ajudando-as a acolher os valores modernos, sem renunciar ao seu patrimônio (ECE, 45); promover o diálo-

go entre pensamento cristão e ciências modernas (ECE, 46); promover o diálogo ecumênico (horizonte da “unidade dos cristãos”) e diálogo inter-religiosos (horizonte do discernimento “dos valores espirituais presentes nas várias religiões”).

Evangelização

UC participa da missão de evangelização da Igreja, isto é, “garantir a relação fé e vida”, mediante o “anúncio da Boanova a todos os estratos da humanidade” e “transformar, a partir de dentro, tornando nova a própria humanidade” (ECE, 48). Cada universidade contribui com a Igreja nessa missão evangelizadora: primeiro dando um testemunho vital e institucional em favor do Cristo diante do secularismo; segundo, porque todas as atividades e uma UC estão harmonizadas com a missão evangelizadora da Igreja, de forma explícita ou implícita:

“colocando as novas descobertas humanas a serviço dos indivíduos e da sociedade; a formação de pessoas capazes de discernimento crítico e conscientes da dignidade transcendente da pessoa humana; a formação profissional, ética e com senso de serviço ao outro; o diálogo com a cultura para melhor compreender a fé; a investigação teológica que ajuda a fé a exprimir-se em linguagem nova (ECE, 49).

Finalmente, os quatro aspectos da missão universitária devem ser interpretados dentro de uma correlação e complementaridade, o que significa também que eles são irredutíveis um ao outro. Nesse passo, por exemplo, não se pode identificar missão da universidade apenas com a pastoral universitária; mas, por sua vez, cada aspecto da missão está atravessado pelo “princípio da pastoralidade”, na linha do Vaticano II, a saber: fundada no *modus agendi* do próprio Cristo

e de seus apóstolos (DH, 11), a “pastoralidade” é uma maneira de proceder que implica escutar a Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, escutar-se mutuamente e perceber os acontecimentos do mundo; portanto, a escuta da Palavra de Deus não pode ser separada de um discernimento concomitante dos “sinais dos tempos”⁵.

À maneira de conclusão aberta: tradição como uma âncora lançada ao futuro

Depois desse breve percurso, gostaria de concluir retomando alguns pontos e relançando a proposta de um discernimento e aprofundamento da missão das universidades católicas em cada contexto, em cada realidade institucional. Trata-se de lançar a tradição revisitada como uma âncora para o futuro (cf. Hb 6,19).

Considerando os 90 anos da

5. Ver palestra proferida na Universidade Católica de Pernambuco por Christoph Theobald, sob o título de “Vaticano II: do “concílio pastoral” à “pastoralidade conciliar”, artigo publicado em nossa revista *on line*: cf. http://unicap-cursodeteologia.blogspot.com.br/2012/10/normal-0-21-false-false-pt-br-x_12.html.

FIUC, em 2014, e animado pelo espírito dos novos tempos, cada universidade afiliada está convidada a contribuir na “refundação” de nossa Federação, no sentido de criarmos um *novo dinamismo*, não somente mediante a participação dos projetos, grupos e redes, mas a partir de propostas novas de trabalho em rede: mais de 210 universidades católicas em cinco continentes são um patrimônio e um potencial enormes. Elaboramos, aprovamos e estamos trabalhando um novo Plano Estratégico, mas, sem a efetiva participação das universidades, não haverá novo dinamismo na FIUC nem uma incidência realmente internacional de nossa missão: a FEI é parte e tem uma contribuição singular a dar, pela sua história, importância e especificidade.

Considerando os 25 anos da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, em 2015, e o clima de esperança e expectativa de renovação que vive a nossa Igre-

ja com o Papa Francisco, propõe-nos às universidades católicas a *releitura e aprofundamento dessa “carta magna”*, tanto de forma



países e das respostas dadas por nossas instituições nesses anos de recepção da ECE. Segundo P. Ricoeur, “interpretar é interpretar-se diante do texto”, pois, mais que procurar um sentido que está “por trás do texto”, importa encontrar o sentido que se desenvolve “diante do texto”⁶. No caso, portanto, não se trata de “aplicar” a Constituição Apostólica ECE à realidade, mas, sobretudo, de tomá-la como “referência” (cf. ECE, 8), tanto para apropriar-se de seu espírito quanto para reescrever a “carta de princípios” e o Plano de Ações de cada universidade, contribuindo, assim, para o enriquecimento do patrimônio universal das IES Católicas, em sua missão de “serviço à Igreja em sociedade”. Caberá à FEI o exercício de continuar refletindo e reescrever sua própria carta da navegação: “navegar é preciso...”

Considerando a globalização e a mundialização, bem como o conjunto de valores novos importantes para as novas gerações, a universidade católica

6. Cf. P. Ricoeur, *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1969, p. 183-211.

7. Cf. Bento XVI, Discurso a la Universidad de Ratisbona, 12 de setembro de 2006.

está instada a discernir e reinterpretar a sua missão de “busca da *verdade*”, não apenas sob o paradigma do conhecimento⁷, mas incluindo as novas linguagens (problema de transmissão de valores) e as novas formas de comunicação (cf. autocomunicação de Deus, K. Rahner), associando igualmente a mediação *estética* (“a beleza salvará o mundo) e renovando o compromisso ético (“prioridade da ética sobre a técnica”, ECE, 18). As novas gerações não são destituídas de valores, mas, no meio de tanta pluralidade, faz falta uma formação capaz de discernir os valores que mais humanizam.

Considerando a cultura contemporânea e alguns valores contrários ao Evangelho e ao bem da sociedade, “a universidade católica deverá ter a coragem de proclamar verdades incômodas”, dentre as quais proponho o *discernimento crítico* de três temas: primeiro, o *neoliberalismo* generalizado, difundido em proporções mundiais; segundo, o *secularismo* não somente em razão

do laicismo reinante (secularização e laicidade), mas também da transformação do religioso em produto de mercado (reificação do sagrado); terceiro, o *relativismo* teórico e prático, nem sempre de forma consciente, mas crescente.

Somente um estudo aprofundado do “princípio conciliar da pastoralidade”, baseado na escuta da Palavra de Deus e no discernimento dos sinais dos tempos, será capaz de propor uma verdadeira pastoral universitária, menos baseada em “atividades” e mais orientada para uma “mística” da experiência de Deus.

Considerando, por um lado, o *aggiornamento* iniciado com o Concílio Vaticano II, e, por outro, os novos tempos dos quais fazem parte as jovens gerações, a universidade católica precisa *repensar*

a sua proposta pastoral. Um discernimento dos “sinais dos tempos” à luz da Palavra de Deus, exercitando o “*princípio da pastoralidade*”. Somente um estudo aprofundado do “princípio conciliar da pastoralidade”, baseado na escuta da Palavra de Deus e no discernimento dos sinais dos tempos, será capaz de propor uma verdadeira pastoral universitária, menos baseada em “atividades” e mais orientada para uma “mística” da experiência de Deus (“O Homem do terceiro milênio será místico ou não será humano”, K. Rahner). Nesse sentido, não basta fazer da pastoral universitária “uma atividade entre outras”, nem é suficiente “adaptar” ao mundo universitário algumas formas e atividades pastorais próprias das paróquias ou dos movimentos; a pastoral universitária deve contribuir de forma diferenciada e complementar na missão da Igreja.

Considerando a grande tradição do humanismo cristão e, nos tempos atuais, a pluralidade das sociedades, os anseios das

gerações jovens e as novas sensibilidades diante de situações humanas diversas, a necessidade de *propor novos humanismos*. Que cada universidade católica possa contribuir nessa tarefa tão difícil quanto necessária de dialogar com as mais diferentes tendências em vista de colaborar na elaboração de um novo humanismo; inspirado do cristianismo, claro, mas aberto ao mundo. A FEI poderá contribuir, sobretudo a partir de sua expertise e inspiração, ensaiando um diálogo humanista e inovador com a tecno-ciência.

Enfim, em tempos de pós-modernidade e mundo globalizado, diante dos “escombros da cristandade e da modernidade”, a missão universitária não pode deixar de *buscar e propor as razões de nossa esperança*. A esperança da fé, porém, não é pura utopia, nem sonho irreal, nem projeto unicamente humano; é uma esperança “razoável e sustentável”, sinal de uma promessa messiâni-

ca e escatológica, anunciando o “fim do mundo”, tanto no sentido do desmoronamento de todo sistema de totalidade quanto do anúncio de um novo mundo possível. Afinal, “esperança não é esperar, mas caminhar”⁸: desde o

“Enfim, em tempos de pós-modernidade e mundo globalizado, diante dos “escombros da cristandade e da modernidade”, a missão universitária não pode deixar de buscar e propor as razões de nossa esperança.”

primeiro passo de Abraão ao último ato de todo aquele que não se desespera nunca, mas, caminhando, espera em Deus “contra toda esperança” (Rm 4,18).

Nesse caminho da esperança abraâmica, portanto, o ser

humano não está sozinho, mas conta com a presença fiel de Deus que se manifestou ao longo da história, visitou a humanidade em Jesus Cristo e selou sua presença definitiva no meio de nós com um Novo Paráclito, o Espírito vivificador, como promessa sem fim. Nesse passo, a FEI também não está sozinha em sua missão: ela participa da mesma missão de busca da verdade de toda universidade e de tantas outras instituições, grupos e pessoas de boa vontade; além disso, marcada pelo exercício de agir em rede (ABRUC, ANEC, AUSJAL, FIUC), a *FEI University* participa plenamente da grande missão católica, segundo a *Ex Corde Ecclesiae*, de “unificar existencialmente, no trabalho intelectual, duas ordens de realidade que, não raro, tendem a se opor, como se fossem antitéticas: a investigação da verdade e a certeza de conhecer, já, a fonte da verdade” (ECE, 1). □

8. Z. Rocha. “Esperança não é esperar, é caminhar”. Reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e na clínica psicanalítica”, In. *Ibid. Freud entre Apolo e Dionísio: recortes filosóficos, ressonâncias psicanalíticas*. São Paulo/Recife, Edições Loyola/Universidade Católica de Pernambuco, 2010, p. 113-134.

O QUE ANCHIETA REPRESENTA PARA A CULTURA BRASILEIRA

A edição especial de “Cadernos da FEI”, em agosto de 2014, recolheu valiosas considerações sobre a canonização do Beato José de Anchieta. Essas abordagens são complementadas agora sobre a sua influência cultural.

Se alguém perde a memória, perde também a identidade. Já não sabe quem é, quem são seus familiares, companheiros de trabalho e até o próprio rosto lhe parece o de um estranho. Se o Brasil vai perdendo a sua memória, vai perdendo também a sua identidade. Assim recordar o papel de São José de Anchieta é de extrema importância para a nacionalidade. Não se trata de um simples culto ao passado; para se tornar uma questão vital para nosso presente e futuro como país.

O pai de José de Anchieta nasceu em país basco, não mui-

to longe da terra natal de Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus. As duas famílias tiveram laços de paz e guerra, como também de casamento e parentesco. Ele foi rebelde, participante da revolta dos *comuneros* contra Carlos V, em favor dos antigos foros e liberdades locais. Condenado à morte, sua mãe intercedeu por sua vida junto ao Duque de Nájera (que conhecemos como patrono do jovem Inácio de Loyola), então Vice-Rei da Navarra, obtendo a comutação

“Recordar o papel de Anchieta na formação da cultura brasileira deixa de ser um simples culto ao passado para se tornar uma questão vital para o nosso presente e futuro como país.”



Pe. Raul Pache de Paiva, S.J.

Diretor de redação do “Mensageiro do Coração de Jesus” (Edições Loyola).

da pena fatal em exílio para as ilhas Canárias, colonizadas pelas naus de Castela havia meros 40 anos. Lá nosso amigo reconstruiu a vida, fez carreira na magistratura e constituiu família, casando-se com uma viúva, neta de castelhanos e de sangue hebreu por sua avó materna.

Assim a Providência ia preparando um rico dom para o Brasil. O menino José, com efeito, nasceu numa casa onde se falava basco e castelhano. Serviços, nativos da ilha, teriam habituado seus sensíveis ouvidos infantis aos sons do guanche, a língua dos primitivos habitantes do arquipélago, provenientes da África do Norte. Cedo começou a aprender o Latim, que dominou com rara maestria. Aos 14 anos, acompanhando um seu meio irmão, foi estudar na Universidade de Coimbra, na época favorecida por uma reforma que dela fazia um dos centros mais brilhantes da renascença europeia,

num Portugal em criativa efervescência, despontando como a primeira potência marítima de âmbito mundial.

Ali ele conheceu a juvenilíssima Companhia de Jesus, funda-

de outros missionários jesuítas em 13 de julho de 1553.

Tudo isto e mais ainda os Srs. sabem e podem reler no recentíssimo livro do Pe. Armando Cardoso, S.J., *Um Carismático que fez História – Vida do Pe. José de Anchieta*, que acaba de ser lançado pela Editora Paulus. Escrito num ritmo ágil, com o necessário aparato científico, sem cair em erudição maçante ou estilo rebuscado, recordou-me o cinematográfico *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz.

Personalidades da cultura brasileira prestam testemunho da grandeza ímpar de Anchieta na nossa formação e sua persistente e criativa presença. Por exemplo: Altino Arantes, intelectual e ex-presidente da Província de S. Paulo; Capistrano de Abreu e o grande Pedro Calmon, ligado a este Instituto e filho desta boa terra; Serafim Leite; Machado de Assis; Fagundes Varela e Jorge de Lima, o grande e muito injusta-



da por Inácio de Loyola, à qual se juntou, tendo sido enviado ao Brasil pelo mesmo Inácio, logo que terminou os dois anos de Noviciado. Chegou a nossa Salvador com um pequeno grupo

mente esquecido alagoano, de cujas obras completas anunciam – felizmente – uma reedição para breve.

De **Machado de Assis**, nosso maior escritor, não consta que tenha sido um católico devoto. Em certo sentido, por isso mesmo, seu poema **“José de Anchieta”** é um testemunho da importância que o princípio de nossas letras atribuía àquele que ocupa, em nosso país, posição em tudo semelhante a dos “Pilgrims Fathers” para os Estados Unidos da América do Norte:

*“Este que as vestes
ásperas cinge,
E a viva flor da
ardente juventude
Dentro do peito
a todos escondia;
Que em páginas de
areia vasta e rude
Os versos escrevia
e encomendava
À mente, como esforço
de virtude...
Tregar não cuidas*

*a luzente escala
Que aos heróis cabe e
leva à clara esfera,
Onde eterna se faz
a humana fala,
Onde os tempos não
são esta quimera
Que apenas brilha e
logo se esvaece,
Como folhas de
escassa primavera,
Onde nada se perde
nem se esquece,
E no dorso dos
séculos trazido
O nome de
Anchieta resplandece
Ao vivo nome
do Brasil unido.”*

Assim, o grande Joaquim Maria Machado de Assis percebe e revela que o nome de Anchieta está “ao vivo nome do Brasil unido”.

Fagundes Varela, em **“Anchieta ou o Evangelho das Selvas”**, é mais romântico e místico:

*“Alma inspirada de Anchieta
ilustre!
Espírito do apóstolo
das selvas!
Sábio e cantor,
luzeiro do futuro!
Tu, que nas solidões
do Novo Mundo,
Sobre as alvas
areias borrifadas
Das escumas do mar, traçastes
os versos
Do ‘Poema da Virgem’
e ensinaste
Aos povos do deserto
a lei sublime
Que ao Reino do Senhor conduz
os seres,
Ensina à minha
musa timorata
A linguagem celeste
que falavas...”*

Como Machado de Assis, Fagundes Varela se mostra impressionado com o feito do muito jovem Irmão José, conservando sua sanidade durante seu tempo de refém dos tamoios, aplicando-

se a compor, em bom latim, com uma impressionante riqueza de alusões e citações bíblicas e patrísticas, dispondo apenas da Bíblia Vulgata e do seu Breviário, sem papel nem caneta, um poema de 5786 versos! Agora já o posso oferecer à Profa. Consuelo na sua 5^a edição em tradução vernácula pelo competente e inspirado empenho do Pe. Armando Cardoso, S.J., publicação das Edições Paulinas.

A memória dos antigos era mais treinada do que a nossa. Muito mais! A própria formação escolar incluía diárias “lições de memória”, onde chegavam a decorar longos poemas, textos famosos e até todo o Novo Testamento.

Mas Anchieta não é grande apenas por este feito literário. Todos sabemos como ele aprendeu rapidamente o tupi, humilde aluno dos curumins, bons professores, como todas as crianças, porque inocentemente impiedosas, prontas para rir dos

esforços, erros e titubeios do estreante numa língua nova. Breve deu ao tupi uma grafia, um vocabulário, uma gramática e uma poética. É o pioneiro dos estudos de linguística no Brasil. Capaz de respeitar e valorizar o saber



dos amigos tupis, também soube se fazer aprendiz dos pajés, iniciando uma coleção de receitas da flora brasileira, que veio a se constituir o cerne do patrimônio das famosas farmácias jesuítas

do Brasil colônia, em particular da que existiu no ângulo do Terreiro de Jesus nesta Cidade mãe da Bahia, onde, a seu tempo, veio a existir a Faculdade de Medicina. Lembremos que o quinino – até hoje o único específico contra a malária – é contribuição da cultura brasilíndia para o mundo, coletada por jesuítas, influenciados pelo trabalho pioneiro de Anchieta em relação à flora medicinal brasileira, e levados até o rio Tapajós pelo missionário Antônio Vieira.

Contudo, Anchieta não perdeu o discernimento diante da cultura indígena e pela sua amizade com os tupis da costa e vários tapuias. Não aprovava as guerras e guerrilhas constantes, nem o canibalismo ritual (às vezes um pouco fora do ritual também...), nem o abandono das crianças cujas mães morriam de parto, ou a poligamia, explicável, mas que coloca a mulher em situação de nítida inferioridade. Do lado dos

colonos, Anchieta, amigo, pregador, confessor, muitas vezes enfermeiro e médico, também trabalhava contra a arrogância, o escravismo, os abusos sexuais, os batismos precoces ou forçados, a cobiça de fazer um patrimônio a custa do indígena e do africano.

Dizíamos que Anchieta aprendeu dos pajés a cultivar a riqueza da flora medicinal brasileira. Não sabemos com quem aprendeu também a velha arte cirúrgica dos barbeiros lusos, então os únicos cirurgiões habitualmente disponíveis. O fato é que, nas lutas pela expulsão dos franceses do Rio, ele usava a lanceta para extrair balas e pontas de flechas das carnes dos guerreiros de Estácio de Sá. Foi também o inspirador, organizador e fundador da Santa Casa do Rio de Janeiro, instituição existente até hoje e onde o pobre pode ter sua fisionomia restaurada gratuitamente pela admirável cirurgia plástica do Dr. Pitangui. Anchieta cuidou da saúde da sua gente de tantas cores, nossa gente ancestral, que começava a se fazer diferente, única, brasileira.

Que Anchieta cuidou da educação nós bem o sabemos, pois quem poderá esquecer os anos de mestre-escola no Colégio humilde de S. Paulo de Piratininga, nos começos singelíssima palhoça, erguida pela amizade dos caciques tupiniquins Caiubi e Tibiriçá. Ensinava latim, português e tupi aos curumins, aos mamelucos descendentes de João Ramalho, e aos filhos dos primeiros colonos.

Todos reconhecemos que há duas vertentes do catolicismo no Brasil, esta grande aragem de fé cristã, fundamental e majoritária. Uma vertente é solene em sua liturgia, simultaneamente atrativa e distante, forte na sua autoridade, de caráter europeu e estrangeiro. Outra vertente, é amiga, popular, doce, caridosa, solidária... De certo Anchieta tem muito a ver com esta vertente amabilíssima, ele, o Superior dos jesuítas no Brasil contra o qual só se levantava a crítica de que era muito brando com os súditos, censura logo temperada pelo reconhecimento de que,

com esta brandura, ele sempre atingia os melhores fins pretendidos. Seu prestígio de conhecedor da terra e da língua, de médico prático e enfermeiro, de homem de fé e de bem, de Superior em vários cargos e lugares, muito contribuiu para que ele fosse imitado e seus métodos se impusessem por toda a costa brasileira e pelas entradas. Quem melhor o compreendeu terá sido o grande **Jorge de Lima**, médico e poeta como ele:

“Não sei – escreve ele – se a catequese do índio deu mais trabalho que a do civilizado.

O civilizado era o colono deformado, saído da plena vida heroica e façanhuda... as cartas de Anchieta e Nóbrega... repetiam-se cheias de reclamações, de queixas quanto ao descalabro, à vida sem governo e criminosa de toda a gente...

Se a dificuldade residia, pois, em fazer o colono reconhecer a religião e a autoridade eclesiástica, quanto ao índio toda a difi-

culdade era fazer-lhe conhecer a própria religião.

Outros povos receberam o cristianismo num nível, num plano de civilização, de preparo prévio que nos faltaram... Os outros povos tinham muita coisa, muita coisa para a conversão: tinham o pecado. O índio nem pecado tinha... Abriam a carcaça de um cristão como um menino abre um boneco...

E o processo mais prático, mais pedagógico, mais intuitivo não era fazer o índio compreender a religião: era primeiro fazer o índio gostar de religião.

Havia uma intenção montessoriana nos processos do Padre. De cinquenta léguas em torno afluíam aimorés e tamoios para assistir a qualquer ato do missionário. O Mistério de Jesus, por ele composto e representado pelos índios da missão, foi um sucesso extraordinário entre a brugaria. Como só homens re-

presentavam no palco improvisado no meio da mata, um índio aparecia fantasiado de Nossa Senhora, enquanto outros representavam anjos e diabos, Nero, Júpiter, Guaxara, Saravana, S.

treatos, S. Sebastião cachimava com Júpiter. Os versos tupis soavam cadenciados... Anchieta, autor, ponto e contra-regra, dirigia as cenas. E, no fim do terceiro ato, vencidos os diabos, os imperadores e os maus espíritos da floresta, a indíaria embasbacada e depois exultante com o sucesso da representação, caía num fervor carnavalesco de treme-terra, cadenciado a passo de siricongado e ritmado pelos tambores, bombos, cateclás e curugus... Farta distribuição de espelhinhos, canivetinhos estampas aos pajés, vivas a Portugal, vivas ao Brasil...

Todo o mundo gostava de religião...

Até aqui o encontro poético da prosa de Jorge de Lima, penetrando na personalidade meiga e forte, sábia e amiga de Anchieta, pai do teatro, da pedagogia de melhor cepa – sem palmatória nem vestibular – e da comunicação social no Brasil coberto



Sebastião, S. Lourenço, o Cão Grande, o Gavião...

Ninguém ficava surpreso de ver Saravana de braço dado com a Virgem Maria... nos en-

de amenos verdores, campo de batalhas e maldades, mas onde se criava um fluir bom, capaz de chegar até nós, como realidade presente e inspiração para o futuro. Encontrarão o texto integral tanto na coedição da Aguilar / MEC das *Obras Completas*, (Rio de Janeiro: Aguilar / MEC, 1974, 4º vol., p. 105-167), quanto na *Poesia Completa* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1980, p. 389-451).

Poeta, linguista, pregador, historiador, naturalista, prático em medicina, cirurgia e farmácia, superior religioso, fundador de aldeias, cidades, colégios, também professor dedicado, Anchieta foi o inspirador e líder da construção da primeira estrada brasileira, o famoso “Caminho do Pe. José”, que ligou o planalto paulista ao litoral de S. Vicente e Santos pela escarpa verde e úmida da Serra do Mar, tarefa recordada pelo nome da famosa Via Anchieta.

Por mais genial que tenha sido o Pe. José, por mais simpática e

santa que tenha sido e continue sendo sua figura, ele não foi um solitário. Pertencia a uma sociedade, a Companhia de Jesus. Foi, como os seus companheiros, a começar por Nóbrega, superior, amigo e mestre, discípulo de Cristo por meio de Inácio de Loyola, cujos “Exercícios Espirituais” formaram e formam os jesuítas, como também muitos outros cristãos nestes últimos 5 séculos.

Inácio é um mestre da contemplação. Para ele contemplar é uma atitude de vida, e não uma atividade ou inatividade reduzida a horas e locais sacralizados e penumbrosos ou a ambientes ecologicamente espetaculares. Contemplar, na sua escola exigente, começa por ver as pessoas, ouvi-las, reparar em como procedem, refletir e rezar a partir do que sente e percebe, para tirar algum fruto e proveito. O “contemplativo na ação”, segundo Inácio, também se habitua a colocar-se na cena, na situação vital contemplada, compartilhando, reagindo, com-

padecendo, alegrando-se com o outro e por causa do outro.

As pessoas, inacianamente falando, estão no mundo. Não jogadas aqui e ali, mas participando de uma unidade amada pelo Pai e Filho e Espírito Santo. Escreve **Inácio nos EE 101ss:**

“...como aqui as três Pessoas Divinas olham toda a superfície plana ou curva do mundo, cheia de homens, e como, vendo que todas desciam ao inferno, se determina, em sua eternidade, que a segunda pessoa se faça homem, para salvar o gênero humano... Ver a imensidão enorme e o globo do mundo, no qual se encontram tantas e tão diversas gentes... Ver as pessoas, umas após outras... em tanta variedade de trajes e costumes: uns brancos e outros negros, estes em paz, aqueles em guerra, uns chorando e outros rindo, com saúde uns e enfermos outros, uns que nascem e outros que morrem... Ver Nossa Senhor e o Anjo, que a saúda, e refletir para tirar proveito de tal cena”.

Assim entendemos que Anchieta, já antes de pisar nas praias desta mui nobre – de nascença nobre – Cidade da Bahia, já tivesse visto seus habitantes tão diversos à mesma luz, à luz da benevolência divina, e, como bom religioso, obediente às Constituições de sua Ordem, tenha imediatamente procurado as aldeias circunvizinhas para começar a aprender a língua da terra. A sua espiritualidade cristã, reforçada e reorientada profundamente pela experiência dos Exercícios de 30 dias feitos no Noviciado, ajudava-o a olhar como seus semelhantes os tupis e tapuias da Terra de Santa Cruz, ou os portugueses e castelhanos. Daí seus autos e poesia bilíngues e até trilíngues. Daí sua estreia teatral em Piratininga ter sido, significativamente, com *O Auto da Pregação Universal*. Todos os seres humanos eram filhos amados por Deus, todos deviam ser servidos e reconciliados.

Para ele, como para os jesuítas em geral, e seus melhores ho-

mens em particular, como Xavier no Japão, De Nobili e S. João de Brito na Índia, Mateus Ricci na China, De Smet, mais recentemente, com as grandes tribos do “far west” americano, Cristo não é prisioneiro de uma cultura, preconceito ou classe. É preciso ir a todos na atitude do contemplativo, que, primeiro, procura conhecer com simpatia e consideração, para então, acolhendo o que for bom, deixando de lado o que for mau, sempre discernindo, ver o que é possível fazer.

Por isso mesmo, Anchieta não desclassificou Cunhambebe como feroz canibal a ser eliminado, embora não aprovasse seu gosto por churrasco de perna de gente, mas viu nele, nos pajés, nos tupis, tapuias, mamelucos, degredados, rudes colonos dos primeiros dias do Brasil nascente pessoas, gente amada pelo seu Deus de face humana, Jesus, encarnação das entranhas de misericórdia, ternura e compaixão do Altíssimo Onipotente e Bom Senhor, como já o chamava o

pobrezinho de Assis, o bom S. Francisco. Como pessoas, todos tinham valor e cultura aos olhos do Pai comum, antes mesmo que o Pe. José os tivesse conhecido. E ele realimentava, aprofundava e encontrava novas e insuspeitadas consequências desta espiritualidade e cosmovisão nos seus exercícios anuais de 8 dias cada. Aprendia neles, na escola do puro Evangelho, sem glosas nem retoques, a nada nem ninguém desprezar, mas “em tudo amar e servir” (EE 233).

Penso que na nossa cultura de hoje, tão marcada de autoritarismos, tão escassa de serviço autêntico às pessoas, mas ansiosa de fraternidade, embora recuse tantas vezes a paternidade, os que tivermos, como Jorge de Lima, contemplado a aventura humana, cristã e santa do Bem-aventurado Pe. José de Anchieta, desejaremos que a cooperação humilde da Companhia de Jesus com as melhores forças da cultura brasileira continue sem cessar. □

NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Palestra proferida na Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário da FEI, em julho de 2014.

Educar para mudanças

Nós, professores, ao entrarmos numa sala de aula de alunos ingressantes em cursos de graduação, nos deparamos com jovens que manifestam algumas características marcantes. Dentre essas características, se destaca o entusiasmo manifestado por eles, por estarem ocupando assentos universitários. Uma segunda característica também marcante e que trazem consigo são os hábitos de estudo nos níveis de ensino anteriores à universidade.

Talvez, nessa segunda característica residam os motivos pelos quais uma grande parte desses jovens não obtêm sucesso no desempenho em algumas disciplinas universitárias, tendo

que cursar por mais de uma vez a mesma disciplina. Um desses motivos é o hábito de estudo. Sabemos que a maioria de nossos jovens, durante o ensino médio, somente estudam em véspera de provas. Quando chegam à universidade, querem agir da mesma forma. Não funcionará.

Numa universidade com princípios cristãos, comprometida com rigor na qualidade da formação de futuros profissionais, que não mede esforços para oferecer a melhor formação possível a seus alunos, o estudo é desenvolvido de forma séria e rigorosa.

Prof. Marcos Antonio Santos de Jesus.

Doutor em Educação Matemática pela UNICAMP e Professor do Depto. de Matemática do Centro Universitário da FEI

“ Sabemos que a maioria de nossos jovens, durante o ensino médio, somente estudam em véspera de provas. Quando chegam na universidade, querem agir da mesma forma. Não funcionará.



sa, sempre comprometida com a alta qualidade. O estudo deverá ser contínuo e desenvolvido aula aps aula. Esses jovens terão que dedicar algumas horas diárias aos estudos fora da sala de aula. Nós, como educadores, temos inteira responsabilidade de oferecer esclarecimentos e orientações a esses jovens sobre possíveis mudanças nesses hábitos, não produtivos num ambiente universitário.

Existe, porém, uma parcela de alunos que, mesmo dedicando-se aos estudos, não consegue aprovação em disciplinas do ciclo básico, que apresentam altos índices de retenção. Então, onde estaria a falha? É notável que a maioria dos jovens universitários brasileiros cursa o ensino médio em escolas públicas cujo nível de ensino, na maioria das vezes, é baixo, ou em escolas privadas que às vezes também não oferecem um ensino de boa qualidade. Especificamente esses jovens, quando chegam às universidades, demonstram um fraco aproveitamento nas disciplinas da graduação, as quais exigem

conhecimentos que deveriam ter sido adquiridos no ensino médio.

As universidades públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos, oferecem uma formação de qualidade nas disciplinas dos seus mais variados cursos, porém são exigentes na formação

“Numa universidade com princípios cristãos, comprometida com rigo na qualidade da formação de futuros profissionais, que não mede esforços para oferecer a melhor formação possível a seus alunos, o estudo é desenvolvido de forma séria e rigorosa, sempre comprometida com a alta qualidade.”

de seus alunos. Percebe-se que a parcela de jovens que têm um conhecimento adequado ao bom desenvolvimento do curso de graduação é pequena, talvez entre 15 e 20 por cento dos alunos

ingressantes. Diante dessa situação os professores fazem constantes críticas, mas procuram compreender e criar estratégias para que seus alunos evoluam intelectualmente, apesar da deficiência trazida dos níveis de ensino anteriores à universidade.

Essa é uma tarefa árdua, mas não impossível. Em alguns casos, preocupadas com esse baixo nível intelectual desses jovens, essas universidades, principalmente as fundações de caráter religioso, incluem em sua missão educativa fazer com que esses alunos evoluam em seu aproveitamento em cada disciplina. Elas oferecem programas de apoio e nivelamento aos alunos ingressantes, tais como: plantão de dúvidas, monitorias e outros.

Nós, educadores, devemos entender que mudanças bruscas vêm acontecendo na sociedade e que sem dúvida alguma estão influenciando a postura dos jovens universitários. Não podemos e nem devemos compará-los com jovens de 30 anos atrás. Não devemos, como educadores, dizer



que é melhor ou pior que antes, pois este é o momento que precisa ser vivenciado, cada cidadão adaptando-se a suas mudanças.

De um modo geral os jovens ingressantes são educados, gentis, sabem ouvir e demonstram sentimentos favoráveis aos estudos. Talvez o que mais os atrapalha seja exatamente a má formação de conteúdo e a falta de uma forma disciplinada de estudar. Assim, quando um candidato chega à universidade com um desempenho insatisfatório na área de exatas, em disciplinas como física, química ou matemática, é necessário que ele seja capaz de perceber que deve ter uma nova postura relacionada aos assuntos anteriores à sua formação superior. Mas que características *cognitivas ou atitudinais* terá o aluno para que seja capaz de ter essa percepção?

A compreensão é determinante

Com base na teoria da aprendizagem significativa¹, é

observado que no atual contexto educacional, de um modo geral, os alunos são submetidos a uma aprendizagem por recepção, ou seja, todo o conteúdo que vai ser aprendido é apresentado ao aluno sob a forma final. A tarefa de aprendizagem, como está sendo feita, não envolve qualquer descoberta autônoma por parte do estudante, mas apenas exige que o aluno somente internalize ou incorpore o material (uma fórmula química ou um teorema geométrico), para que seja reproduzido em alguma ocasião futura. Um teorema geométrico, por exemplo, é um conteúdo matemático que deve ser incorporado na estrutura cognitiva do aprendiz por meio da aprendizagem por recepção, que poderá ser feita na forma mecânica ou na forma significativa. Na forma mecânica, quando se exige do aprendiz apenas internalização, sem nenhum significado. Na forma da recepção significativa, a tarefa

é compreendida durante o processo de internalização.

Convém destacar que, na aprendizagem por recepção significativa, o ideal é que antes que os significados sejam fixados na memória dos aprendizes, eles sejam inicialmente adquiridos, em um processo necessariamente ativo. Portanto, todo educador deve ficar atento ao fato de que os alunos podem ter o hábito de apenas memorizarem mecanicamente e acreditarem que compreenderam o assunto, quando na realidade podem ter aprendido apenas um conjunto vago e difuso de verbalismo. Este hábito parece ser muito comum durante as aulas, pois pelo modelo atual em que é feita a educação escolar, os alunos procuram somente a praticidade dos conceitos apresentados, deixando de lado o pensamento analítico, tão importante para que ocorra uma aprendizagem significativa. Neste caso, é responsabilidade do educador explorar o pensamento analítico dos seus alunos.

1. AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D. e HANESIAN, Helen. *Psicologia educacional*. Tradução de Eva Nick. Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda., 1980.

Num processo de ensino e aprendizagem em forma significativa, supõe-se que o desenvolvimento da compreensão seja claro, preciso e integrado com o conceito em estudo. Ele ocorre quando as ideias centrais de uma determinada disciplina são aprendidas antes que se introduzam os conceitos e informações mais periféricas; observam-se as condições limitadas de desenvolvimento geral de prontidão; ressalta-se a definição precisa e acurada; e a ênfase é colocada sobre as diferenças e semelhanças delineadas entre os conceitos correlatos. Como exemplo da importância de considerar a ocorrência desses fatores citados, é possível observar que, em uma aula sobre introdução ao estudo de trigonometria no triângulo retângulo, em primeiro lugar sejam apresentadas aos estudantes as ideias centrais da trigonometria no triângulo retângulo e em segundo os conceitos específicos das funções, como o seno e o cosseno. Neste caso, é ressaltada a importância de conceituar de forma precisa estas funções

trigonométricas e dar ênfase às diferenças e semelhanças entre esses dois conceitos.

Para que ocorra uma aprendizagem significativa, é necessário levar em conta dois critérios: o primeiro refere-se

às condições do material a ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem, e o segundo, às condições dos aprendizes que serão sujeitos desse processo. Quanto ao material, esse deverá ser compreendido e não somente memorizado. Para que isso ocorra, é necessário que exista uma organização



conceitual, e não apenas uma lista arbitrária a ser apresentada aos alunos.

Quanto às condições dos aprendizes, são necessários diversos conhecimentos prévios, juntamente com uma motivação ou predisposição fundamental para uma compreensão conceitual do material a ser apresentado. Deve-se considerar que os conhecimentos prévios são construções pessoais e possuem um significado idiossincrático². A significação idiossincrática é um fenômeno de ordem pessoal e que só é alcançando se o sujeito estiver disposto a despender um esforço ativo para integrar a sua estrutura cognitiva o novo conhecimento. É provável que esses conhecimentos sejam elaborados espontaneamente na interação cotidiana do sujeito com o mundo.

No momento de execução das atividades pedagógicas, visando o ensino e aprendizagem de algum conteúdo específico, alguns atributos relevantes do

conceito de um dado conteúdo serão retidos, e assim facilitarão a recuperação em período posterior, enquanto que outros apenas são memorizados mecanicamente e não formam fortes elos de ligação entre o que foi aprendido e o que será visto em aulas posteriores. Na ocorrência de uma aprendizagem significativa, os atributos relevantes dos conceitos em formação ficam retidos na memória do aprendiz e formam uma espécie de ancoragem para a formação dos próximos conceitos a serem aprendidos.

O ser humano, ao recordar algo, seleciona sem dúvida alguma a ideia a partir do material disponível na memória e cria também um novo material adequado ao momento. O processo interpretativo, que resulta na emergência do significado, é essencialmente cognitivo e não perceptivo. Os recentes significados adquiridos pelo aprendiz não são um reflexo do processo perceptivo que produz um con-

teúdo de conscientização imediata, mas são sobretudo produtos de um processo cognitivo mais complexo de assimilação. A assimilação de conceitos é também uma forma de aprendizagem por recepção significativa, devido ao modo como acontece. As diferenças relativas a cada objeto são apresentadas e não descobertas. É caracterizada de um modo geral, por um processo ativo de relação, diferenciação e integração com conceitos relevantes, preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz.

A essência das manifestações pessoais

O ser humano vive num mundo de crenças, atitudes e comportamentos. As crenças e atitudes são na maioria das vezes formadas socialmente e irão influenciar o comportamento de todos. No ambiente escolar não poderia ser diferente. O professor, assim como o aluno, está sujeito a manifestar um determinado comportamento, de acor-

2. Peculiar e pessoal, muito íntimo e que só a própria pessoa entenderia.

do com sua atitude estabelecida a respeito de uma ciência ou apenas um conteúdo qualquer³.

A atitude, em relação a um objeto ou evento, é considerada um dos principais construtos psicológicos, e podemos dizer que existe consenso sobre a compreensão das atitudes como disposições mentais para avaliar um objeto ou evento psicológico, expressos em dimensões de atributos, tais como, bom/mau, agradável/desagradável e outros. As atitudes podem não ser diretamente observáveis, pois estão relacionadas à predisposição que uma pessoa tem para avaliar determinado objeto, seja aprovando-o ou desaprovando-o. Mas as atitudes podem ser inferidas através de instrumentos adequados.

O termo atitude é derivado da palavra latina *aptus*, que inicialmente significava “aptidão” ou “adaptação” no sentido de aptidão física. Com o decorrer do tempo, esse conceito foi am-

pliado para uma preparação mental para a ação. Desta forma, atitude é uma disposição pessoal, idiossincrática, presente em todos os indivíduos, dirigida a objetos, eventos ou pessoas, que assume diferente direção e intensidade de acordo com as experiências do indivíduo. Além

“O ser humano vive num mundo de crenças, atitudes e comportamentos. As crenças e atitudes são na maioria das vezes formadas socialmente e irão influenciar o comportamento de todos.”

disso, apresenta componentes do domínio afetivo, cognitivo e motor⁴. Então, posso afirmar que atitude é sentimento.

As atitudes de uma pessoa podem ser direcionadas, ou seja, a favor ou contra, favoráveis ou desfavoráveis. A opinião pode

ser positiva ou negativa, amigável ou hostil e aprovadora ou desaprovadora. A intensidade das atitudes delimita a força ou o grau de convicção expressa, ou seja, uma adesão pode ser, por exemplo, fria ou apaixonada, enquanto que uma oposição pode ser ligeira ou veemente. Talvez seja possível haver entre esses dois polos claramente orientados, eventualmente, um estado intermediário, que podemos chamar de neutralidade.

Inúmeras pesquisas mostram a importância de se compreenderem as relações entre as atitudes dos alunos e as diversas disciplinas específicas escolares. As pesquisas ressaltam a importância da introdução de novos programas, com a finalidade de promover uma mudança das atitudes em relação às disciplinas, tanto por parte dos professores, como dos alunos, pois as atitudes dos professores podem influenciar as dos alunos. Pesquisas

3. JESUS, M. A. S. DE., TACACIMA, J. As Atitudes em Relação à Matemática e o Desempenho em Cálculo Integral de Alunos de Engenharia. *Revista Cecília*. 4(2): 71-76, dez. 2012. Online.

4. BRITO, Márcia R. F. *Um estudo sobre as atitudes em relação à matemática em estudantes de 1º e 2º graus*. Campinas, São Paulo: Faculdade de Educação da UNICAMP. Livre Docência, 1996.



recentes indicam que o nível de desempenho do aluno pode ser relacionado à atitude positiva do mesmo em relação ao objeto de estudo e, mesmo que o aluno com atitude positiva não apresente um alto nível de desempenho, este ainda será melhor do que aquele obtido pelo aluno que apresentou atitude negativa.

As atitudes devem ser consideradas como um fator importante, capaz inclusive de influenciar o desempenho dos alunos. No momento em que as atitudes de um aluno com relação a um conteúdo escolar são favoráveis, ele poderá estar muito motivado para aprender. Além disso, ele pode investir esforços mais intensos e mais concentrados durante o processo de ensino e aprendizagem. Mas, quando as atitudes são desfavoráveis, é possível que esses fatores venham a operar em outra direção. Quando os professores criam um ambiente de ensino e aprendizagem em que os estudantes se sentem confortáveis e confiantes, são realçadas as atitudes positivas

em relação à disciplina em questão. É claramente perceptível esse comportamento dos alunos em sala de aula, manifestação de uma determinada atitude. Se os alunos procuram evitar uma aula, alegando que não gostam ou não têm interesse, têm uma atitude negativa, mas se em outras aulas esses mesmos alunos

dem ser diferentes conforme o momento e o espaço físico. Ao considerarmos que as atitudes não são estáveis, é de responsabilidade de cada um de nós, educadores envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem, intervir com técnicas adequadas, visando que seus alunos tornem positivas as atitudes em relação à disciplina ministrada.

“Quando os professores criam um ambiente de ensino e aprendizagem em que o estudante se sentem confortáveis e confiantes, são realçadas as atitudes positivas em relação à disciplina em questão.”

fazem questão de estar presentes e ficam atentos às explicações, têm uma atitude positiva.

Educadores que pretendem modificar as atitudes de seus alunos devem considerar que há muitos fatores para isto ocorrer. No ambiente escolar, as atitudes de um determinado aluno po-

Uma necessidade humana

Nós, educadores, ao considerarmos que os nossos próprios sentimentos e também dos nossos semelhantes, são sinônimos das atitudes em relação aos acontecimentos, estamos dando um passo importante para compreendermos melhor os eventos que ocorrem no ambiente educacional. É claramente perceptível que qualquer que seja o cidadão, independente da classe social, raça, gênero ou religião que pratique, precisa estabelecer relacionamentos no meio em que vive; esta é uma necessidade essencial comum a todos os seres humanos.

Percebo que, em que em relação aos outros animais, nós humanos somos aqueles que mais sentimos, por esse motivo acredito que continuamos a evoluir.

Devemos crer que a maioria de nossas decisões é tomada preferencialmente em função do que sentimos ou acreditamos. Talvez em outro momento, tenhamos uma postura um pouco mais racional para justificarmos essas escolhas⁵. Se nós, educadores, queremos em sala de aula tornar o ambiente mais propício ao processo de ensino e aprendizagem, de qualquer que seja a disciplina acadêmica, devemos então estabelecer relacionamentos de confiança mútua; desta forma, estaremos influenciando os sentimentos (atitudes) de nossos alunos. Talvez, aí resida a maior dificuldade por parte de alguns educadores – como fazer para estabelecer relacionamentos confiáveis e de confiança mútua?

Acredito que a postura do educador deva ser o fator de maior



influência no estabelecimento de relacionamentos, sejam ou não promissores. A postura do educador jamais deve ser arrogante, pois aquilo que apresentamos aos alunos (seja um conceito químico, físico, matemático ou uma teoria social qualquer) já está estabelecida na literatura mundial há algumas décadas, séculos e em alguns casos até milênios, como é caso de grande parte das teorias matemáticas. Então não há razão para arrogância, considerando que o conhecimento não é priva-

do, mas pertence a todos.

Se por um lado a postura não deve ser de arrogância, por outro o educador deve ser visto por seus alunos como um líder não autoritário, em que eles possam depositar confiança e que deverá inclusive demonstrar conhecimento e segurança nos conteúdos que se prontificou a apresentar. A superficialidade no conhecimento não é duradoura e impedirá a consolidação de uma confiança mútua, enquanto que a falta de liderança deixará o grupo sem um rumo definido.

5. BAKER, M. W. *Jesus, o Maior Psicólogo que já existiu*. Tradução de Claudia G. Duarte. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

As palavras pronunciadas e as decisões tomadas no ambiente escolar devem ser coerentes com o comportamento próprio do educador. Para um convívio social saudável, geralmente existem normas estabelecidas. Estas normas devem ser seguidas por ambas as partes envolvidas no diálogo, que não deve ser unilateral. As respostas do educador às perguntas dos alunos, salvo em alguns casos, devem ser metafóricas, de forma a permitir que eles questionem a própria pergunta e tenham oportunidade de refletir mais sobre o assunto em pauta.

Um aspecto importante refere-se à preparação do material a ser apresentado em sala de aula. Os conceitos, propriedades e teorias, entre outros, devem ser elaborados pelo educador focando os aspectos que os jovens alunos compreenderão mais facilmente e se incorporarão na estrutura cognitiva. Devem ser utilizadas palavras adequadas a cada momento e feitas as necessárias observações no desenvolvimento da teoria específica. O

educador deve tomar consciência que deve ser um eterno estudioso e, em seus inúmeros momentos de estudo também deve ter a sensibilidade para perceber como deverá transmitir os conceitos aos seus alunos de uma forma didática e compreensiva.

O educador tem o poder da palavra, mas esse poder deve ser estabelecido pela própria maneira de pronunciá-la em sala de aula e ele deve verificar se ela está sendo compreendida pelos alunos, o que pode ser notado observando os olhares dos mesmos, se são de concordância ou de discordância. O humor do educador também deve ser adequado para que aconteça uma boa apresentação. Percebe-se que, de uma maneira geral, as pessoas se aproximam com maior facilidade de pessoas bem humoradas do que das mal humoradas, porém é claro que não há necessidade de ministrar aulas contando piadas. Quando se fala em bom humor, significa aproveitar os comentários proférados pelos alunos, sejam dúvidas ou sugestões, para de forma bem

humorada apresentar explicações conceituais em um ambiente saudável e de descontração, mas com a parte disciplinar preservada.

Como educadores, devemos deixar claro aos nossos educandos que vivemos em um mundo competitivo e que todo cidadão dessa sociedade moderna e organizada é sempre solicitado a demonstrar qual é seu desempenho na atividade que desenvolve na vida profissional, e que essa medida pode ser utilizada para inferir a aprendizagem do cidadão.

Finalmente, todo e qualquer educador deverá ter consciência que o processo de ensino e aprendizagem é influenciado por fatores intrapessoais (fatores internos do aprendiz) e situacionais (fatores presentes na situação de aprendizagem). Esse processo também pode ser influenciado por variáveis da estrutura cognitiva, aptidão intelectual, motivação, *atitudes* e fatores de personalidade humana, características relativas à prática do professor e disciplina acadêmica, fatores sociais e grupais. □

LITERATURA E FORMAÇÃO SUPERIOR

Qual o sentido da formação superior na vida de uma pessoa? A pergunta pode soar banal para a comunidade de uma instituição de ensino de cursos de graduação e de pós-graduação. Mas não é, quando se pensa na crise que a educação atravessa e, mais ainda, nos alcances e nos limites que a vida acadêmica tem na vida de uma pessoa.

Não nos cabe aqui responder à questão, mas sugerir que há uma convicção que permeia os espaços e espíritos do Centro Universitário da FEI, pautada na formação integral de seus estudantes e da comunidade que a animam. Para cumprir essa trajetória, a promoção de eventos culturais é essencial, quando se pensa naquilo que a arte mobiliza no público.

Com tais preocupações, há

dois anos o reitor Fábio do Prado tem incentivado diferentes iniciativas para promover as artes nos *campi* e, mais especificamente, a literatura. Dentre as muitas que estão em curso na FEI, há duas em particular desenvolvidas pelos professores do Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas em parceria com os funcionários da Biblioteca Pe. Aldemar Moreira, os Saraus, encontros literomusicais, e o Primeiro Concurso Literário da FEI.

Os bons resultados acabaram por torná-los parte integrante das atividades do Centro, sendo o primeiro previsto para acontecer todos os anos e o segundo, a cada dois.

Em contextos nos quais a

Profa. Giselle Larizatti Agazzi

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e Professora do Depto. de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário da FEI

“A construção de sentidos pelo leitor – não se faz por uma leitura “de consumo”, mas quando o público estabelece com a obra um pacto capaz de promover um genuíno diálogo entre sua subjetividade e o universo veiculado por ela.”



cultura aparece entre os bens de consumo e entra como mais uma mercadoria, a ser logo descartada e desprezada por quem a usou, a literatura se torna motivo de inquietação.

A noção de literatura como mercadoria não é nova e vem já das reflexões da Escola de Frankfurt no pós-guerra, que procurava contemplar a condição da arte nas novas sociedades do consumo.

Na atualidade, o crítico Todorov é contundente ao tratar do seu amor pela literatura, apontando que o público pode encontrar a beleza necessária para enriquecer sua existência se conseguir encontrar sentido nas obras que lê.

Entretanto, esta condição – a construção de sentidos pelo leitor – não se faz por uma leitura “de consumo”, mas quando o público estabelece com a obra um pacto capaz de promover um genuíno diálogo entre sua subjetividade e o universo veiculado por ela.

Tida assim, a literatura se aproxima da sua vocação primeira, que

é a de promover a permanente melhoria da qualidade de vida dos leitores, quando esses se aventuram a se conhecerem e a conhecem o mundo, a um só tempo, por meio da emoção e da razão.

Essa atitude requerida do público não é confortável, ao contrário, o movimento é o de sair

“Em contextos nos quais a cultura aparece entre o bens de consumo e entra como mais uma mercadoria, a ser logo descartada e desprezada por quem a usou, a literatura se torna motivo de inquietação.”

da zona de conforto. E quem se arrisca a nos reconhecidos tempos fragmentados em que vivemos abandonar o lugar seguro tão arduamente conquistado?

Aqueles que sabem que tal lugar é ilusório, pois que a alma humana, com todas as suas contradições, não cabe dentro do re-

duzido espaço onde a sociedade do consumo nos colocou; aqueles que não se rendem à aceitação da fome e da miséria; aqueles que sabem que os sentimentos não nascem puros, mas precisam ser cuidados e nutritos; aqueles, enfim, que têm a coragem de aceitar que devem ser humanizados, porque a fraternidade não é algo inato, mas é algo que requer a abertura para o outro e o abandono de si mesmo.

Em um mundo onde a tecnologia e o desenvolvimento dos meios de comunicação não conseguiram promover a superação da miséria e das guerras, muito temos ainda que aprender.

A aposta é a de que a ciência é uma porta, mas insuficiente; precisa se amparar nas artes, na literatura, para que o homem desenvolva a sensibilidade para si mesmo, não se vendo como um objeto de consumo, a fim de que, então, seja capaz de abraçar o outro.

O Centro Universitário da FEI, consciente dos desafios que a educação superior enfrenta na

contemporaneidade, não se eximiu da sua responsabilidade de garantir, ampliar e aprofundar os espaços de humanização da sua comunidade.

E esse esforço foi valorizado pelos participantes dos Saraus, sempre muito cheios e com ampla participação de alunos, funcionários e professores, e do Primeiro Concurso Literário, que contou com cinquenta textos inscritos, distribuídos em três categorias (poesia, conto e miniconto).

Todos os textos que concorreram foram compilados em um ebook, já disponível na Biblioteca.

Para que se tenha uma amostra das belezas colhidas e partilhadas neste Concurso, trazemos uma poesia de Jorge Luiz Poletto, funcionário da Manutenção Elétrica; um miniconto de Isabel Martins Alves de Carvalho, aluna do 3º ciclo da Engenharia Civil, e uma parte do conto escrito por Renato Ladeia, professor dos cursos de Administração da FEI.

Que as aprendizagens se ampliem por meio do universo literário! □

Jeito Torto

Jorge Luiz Poletto

**Eu tenho vontade de fazimento!
Eu tenho vontade de acontecimento,
por pra fora num amostramento,
por pra fora todo meu sentimento.**

**Mostrar todo meu amor, num agigantamento!
A alegria de um sentimento, e nunca fazer
esquecimento,
Explodir feito bomba! E ao redor, fazer aparecimento.
Contagiar! Tudo em volta, mostrar todo
engrandecimento.**

**De um homem que está no pressentimento
Numa vida de luta e buscamento
E em certo momento da vida, se da o encontramento,
Encontro de uma mulher, um deslumbramento!**

**E hoje ele vive, não mais no procuramento.
Extasiado em cada segundo em cada momento,
Não procura mais, nem no passado nem no futuro, nem
no pressentimento.
Encontrou! Achou! E seu amor, o seu complemento.**



Tocador de Violão

Isabel Martins Alves de Carvalho

Naquela cidade onde tudo parecia estar sempre atrasado, visto a correria do dia-a-dia, o homem fitava o céu de concreto. A poluição e os altos prédios apagavam um pouco da serenidade do passado, tornando aquela tarde de meio de semana ainda mais deprimente.

Com um suspiro, ele se desencostou da parede e puxou ao colo um velho violão, um de seus mais importantes pertences. Os dedos percorreram as cordas e uma melodia se fez ouvida, os seus olhos cansados ocupados demais com o instrumento para se importarem com os poucos – muito poucos – espectadores. Afinal, naquela grande e sempre corrida cidade, raros eram aqueles que ainda dispunham de tempo a desperdiçar com um pobre músico desempregado.

O homem tocaria até o entardecer, o som ocasional de moedas caindo no chapéu fazendo acompanhamento à música. Seus pensamentos, que antigamente sonhavam com um futuro de sucesso no meio musical que tanto amava, agora se questionavam se jantava ou guardava os trocados para o almoço do dia seguinte.



A Conversão

Renato Ladeia

Meu pai é quem sabia contar boas histórias. Ele divagava, pegava um gancho ali, outro acolá e ia desfiando o novelo que não tinha fim. Às vezes suas histórias eram tão longas e repletas de outras histórias paralelas que a gente nem sabia mais como havia começado ou terminado a trajetória de um personagem. Não sei com quem ele aprendeu, mas pareciam as histórias das Mil e Uma Noites. Eu sei que não herdei essa habilidade do velho e sinto saudades dele e dos seus causos, de ouvi-lo, do seu jeito de contar. Ele sempre começava assim: "Numa ocasião, conheci um sujeito chamado...". Mas para que estou lembrando essas coisas meu senhor? Estou muito velho e só vivo mesmo das histórias que consigo lembrar, que ainda estão presentes na minha memória. Muitas vezes ela se apaga e demoro um tempão para relembrar. Coisas de velho, não é? Como o senhor tem mais ou menos a minha idade, deve compreender essas coisas. Como não temos o que fazer por aqui, posso contar-lhe algumas histórias. Como disse, não sou um bom contador de causos como meu pai, mas hoje me lembrei um e faço questão de contá-la.

Perdi muitos amigos e amigas ao longo da vida. A maioria deles foi por doença, alguns por acidentes e um deles por suicídio. Sempre que penso neles ou nelas, vem à lembrança os momentos de convívio, envolvendo alegrias, tristezas, medos, angústias, esperanças ou desesperanças. Mas o primeiro amigo que perdi era muito jovem e de certa forma estive envolvido na sua opção de vida. Às vezes me sinto culpado, outras vezes tenho a convicção de que ele fez a sua escolha e coincidiu que naquele momento estávamos muito próximos.

Ele se chamava Daniel Azemberg, um judeu, mas não praticante. Aliás, nem sei por que estou dizendo que ele era um judeu, considerando que essa designação seria para quem professa o judaísmo. No entanto, há em nossa cultura a percepção de que o judaísmo se confunde com a etnia. Mas deixemos de delongas e vamos ao Daniel. Ele morava algumas quadras da minha casa e estudávamos no mesmo colégio e íamos juntos quase todas as manhãs. Caminhávamos sem pressa, contando as novidades do dia anterior, observando às pessoas, as ruas, as casas com suas janelas curiosas. Usávamos um uniforme com um blusão cinza e vermelho, gravata e calças cinza. Passávamos por uma rua parte bastante humilde do bairro e as pessoas nos olhavam com certa curiosidade, mas às vezes



precisamos correr depois de responder a alguma ofensa de garotos que nos chamavam de “pó de arroz”. Era assim que no meu bairro eram chamados os meninos bem vestidos, lavados e penteados.

Fiquei sabendo da origem do Daniel por causa da minha aguda curiosidade. Foi num dia em que estive em sua casa para estudar e vi um envelope sobre a mesa com a inscrição: Federação Israelita de São Paulo, aos cuidados do Sr. Abrão Azemberg. Comentei lá em casa e minha mãe confirmou que aquela família era de judeus, pois não frequentavam a nossa igreja e as pessoas comentavam no bairro. Mas Daniel evitava tocar no assunto. Soube depois que ele não gostava muito de ser considerado um judeu. Quando lhe perguntei ele desconversou, mas depois, com a minha insistência, acabou confessando, mas pediu que eu prometesse que não contaria para ninguém do colégio. Ele explicou que sua mãe não era judia e por isso ele não era propriamente um judeu, pois para ser considerado como tal, a sua mãe precisaria ser judia. Não é o pai quem determina a condição de israelita, explicou-me. Mas seu pai o levava sempre à sinagoga e já havia conseguido a aprovação do Rabino para ser aceito como tal. Já havia aprendido um pouco de hebraico e conseguia, a duras penas, ler o Torá. Fazia isso por causa do pai, de quem ele gostava muito e admirava, mas vivia em profundo conflito religioso. Sua mãe, descendente de italianos anarquistas, não acreditava em absolutamente nada. Ela abominava qualquer forma de crença, mas não se opunha que o pai o encaminhasse para o judaísmo, pois considerava autoritarismo impor uma crença para os filhos.

(...)





Campus SBC

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
09850-901 – B. Assunção
São Bernardo do Campo – SP
Tel.: (11) 4353.2900 – Fax: (11) 4109.5994

Campus São Paulo

Rua Tamandaré, 688
01525-000 – Liberdade – São Paulo – SP
(Próximo ao metrô São Joaquim)
Tel./Fax: (11) 3274.5200

